

Anna de Oliveira
13-3-148

REVISTA ESCOLAR

ORGAN DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO II

S. PAULO - 1.º de Agosto de 1926

N.º 20

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor-director:

Prof. J. Pinto e Silva

Redactores-auxiliares:

Prof. Dr. José Veiga
Alduino Estrada

SUMMARIO:

A "Revista Escolar."

QUESTÕES GERAES: 1 — Palestras sobre ensino. 2 — A educação. 3 — Ambiente e disciplina escolar. 4 — O ensino de Geometria.

LIÇÕES PRATICAS: 1 — Geographia. 2 — Linguagem. 3 — Geometria. 4 — Zoologia. 5 — Arithmetica. 6 — Physica.

EDUCAÇÃO PHYSICA — *Jogos escolares*: 1 — Veados e moitas. 2 — Pegador em marcha. 3 — Passel. 4 — Labyrintho. 5 — Caverna. 6 — Nympha.

PEDOLOGIA: 1 — A imaginação e suas variedades na criança. 2 — A evolução psychica da criança.

LIÇÕES DE COISAS: 1 — A colla. 2 — As escovas. 3 — O chifre. 4 — A voz. 5 — O escaphandro. 6 — Os submarinos.

INSTRUÇÃO PUBLICA: 1 — (Da mensagem presidencial.)

LITTERATURA INFANTIL: 1 — A madrugada no campo. 2 — O cantaro encantado. 3 — Palavras de minha mãe. 4 — Mandamentos. 5 — Um bom conselho. 6 — A chuva e as plantas. 7 — "Faze o bem, mas sem ostentação." 8 — Algumas fabulas. 9 — De volta da guerra. 10 — O jardim da vovó.

VULTOS E FACTOS: 1 — Annita Garibaldi.

O ENSINO EM S. PAULO.

O "FOLK-LORE" NA ESCOLA: 1 — O grachaím e o gumbá. 2 — Historia do caboclo.

LIVROS, REVISTAS ETC.

SECRETARIA DO INTERIOR: Varios despachos.

S. PAULO - Brasil
1926

REVISTA ESCOLAR

ORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO II

S. PAULO - 1.º de Agosto de 1926

N.º 20

A REVISTA ESCOLAR

S. Paulo — agosto — 1926.

Quem quer que examine a actual refôrma da instrução publica entre nós, estudando-a á luz da critica severa mas leal, dessa critica meticulosa em sua analyse, porém nobre pelo seu espirito constructor, verá que a ella presidiu um criterio elevado e seguro.

Dizer desse trabalho, em boa hora confiado á Directoria Geral da Instrução Publica, analysal-o em todos os seus detalhes, seria obra de grande mérito, pois evidenciaria não só o zelo com que são tratados os assumptos relativos ao ensino em S. Paulo, como demonstraria a importancia que actualmente este ensino representa para a educação da infancia de nossas escolas.

Para tanto, porém, isto é, para provar a excellencia da refôrma em questão, é sufficiente o simples exame de certas materias dos programmas em vigor, as quaes soffreram modificações tendentes á sua boa finalidade educativa.

Ahi estão, por exemplo, a EDUCAÇÃO PHYSICA, a MUSICA, o DESENHO, os TRABALHOS MANUAES, disciplinas de incontestavel valor, ás quaes a refôrma dispensou especial

Anna de Oliveira



atenção, afim de que ellas realizem seu verdadeiro papel como partes integrantes, essenciaes, e nunca accessorias da educação infantil. Para a boa orientação dessas materia foram encarregados INSPECTORES ESPECIALIZADOS, que a autoridade competente na administração geral do ensino soube escolher dentre os professores reconhecida-mente capazes de bem dirigil-as e ministrall-as.

Eis, indiscutivelmente, uma das melhores medidas da refórma, e em breve, o novo rumo que esses funcionarios estão dando ao ensinamento das ditas materias, demonstrará as vantagens de tal medida. O trabalho dos INSPECTORES ESPECIALIZADOS juntamente com seus auxiliares, nas escolas e grupos-escolares do Estado, dando lições orientadoras de modo que os professores se tornem habéis e continuem a ministrall-as com a intelligencia que ellas requerem, já vae produzindo o effeito desejado, com grande proveito dos alumnos.

Bastaria, portanto, como acima ficou dito, para pôr em evidencia o alto criterio technico e profissional que presidiu á feitura da refórma, um ligeiro exame daquellas materias, ás quaes o governo, attendendo aos estudos feitos pela Directoria Geral da Instrucção Publica, tratou de imprimir uma feição mais util, mais pratica.

Este exame trataremos de fazel-o, na presente secção, começando hoje pela EDUCAÇÃO PHYSICA.

Incontestavel é a importancia da GYMNASICA RACIONAL na escola, pois sabido é que ella se dirige, simultaneamente, ao corpo, á vontade e á intelligencia, concorrendo assim para a formação physica, intellectual e moral da criança.

Com effeito, aquelle que emprega esforços musculares bem dirigidos, adquire uma aptidão maior para QUERER, e desta aptidão surgem modificações em suas disposições intellectuaes e moraes. O homem de VONTADE forte será tambem um sêr intelligente, pois para tanto importa que o acto seja medido, pesado e suas consequencias pesadas antes de

sêr cumprido, e isso tudo elle consegue mediante uma boa cultura physica.

Si agora encararmos os effeitos da referida gymnastica sobre a ATENÇÃO, veremos, como diz J. P. Nairac, que os exercicios musculares são sempre um meio efficaz para o desenvolvimento normal dessa faculdade.

Ora, si a attenção, segundo Guyau, é a chave de toda a direcção intellectual, claro está o grande valor da cultura physica.

Entre os gregos esta cultura tinha uma parte igual, sinão superior, á que consagravam á cultura intellectual. Pythagoras, Sophocles, Euripides, Xenophonte, Platão eram cultores do physico; Cicero, antes fraco e doentio, tornou-se, pelos exercicios musculares, celebre nos combates que tanto o illustraram na tribuna. E esse grande povo nos deixou as melhores obras primas do entendimento humano e os mais puros especimens da arte.

Ademais, a cultura physica é necessaria para que as aptidões intellectuaes possam sêr utilizadas na luta pela vida. Uma VONTADE forte e uma ACTIVIDADE intellectual, resultantes da abundancia de vigor physico, compensam longamente mesmo grandes lacunas na educação; asseguram, muita vez, uma victoria facil sobre os competidores enfraquecidos pelo excesso de estudo, ainda que sejam prodigios de saber.

Eis, em traços geraes, a importancia da educação physica que hoje, graças á refórma, vae tomando novos surtos, rumo da educação integral da nossa infancia escolar.

Refórmas dessa natureza só merecem louvores pelos beneficios que dellas dimanam.



QUESTÕES GERAES

PALESTRAS SOBRE ENSINO

(F. PARKER. — "Biblioth. pedagogica," organizada por A. Barreto e J. Stott.)

PALESTRA XV

NUMERO

Iniciaremos o assumpto do thema, que constitúe a palestra de hoje, por tres perguntas da maior importancia, e que são:

- Que é o numero?
- Que podemos fazer com os numeros?
- Quaes as utilidades do numero?

Em pedagogia, como aliás em tudo, que condiz á educação, é de rigorosa necessidade que conheçamos, exacta e definidamente, a natureza da disciplina que vamos ensinar; suas relações com outras disciplinas; seu poder como meio de desenvolvimento mental; e, finalmente, a sua utilidade nos negocios da vida.

Uma definição, embora correcta, não sendo bem comprehendida, torna vagos e inefficazes todos os esforços do ensino.

Em arithmetica, por exemplo, ha definições de numero que podem e devem sêr criticadas, porque não exprimem absolutamente a sua realidade.

Dentre muitas, cito esta: numero é uma collecção de unidades.

Ora, uma collecção de objectos da mesma especie tambem póde sêr designada pelas palavras *poucos, alguns, muitos etc.*

Vêdes, pois, que lhe falta a indispensavel precisão para bem caracterizal-a, por isso que, si eu collocasse deante de vós alguns objectos quaesquer da mesma especie, e indagasse: — quantos objectos tendes á vossa frente? poderieis responder-me acertadamente: tenho *alguns*, ou *poucos*, ou *diversos* objectos.

Mas estas respostas são vagas, indeterminadas, e não me habilitam a saber a quantidade exacta dos referidos objectos. Pela definição, porém, não poderia eu reclamar contra ellas, porque de facto, *alguns*, *poucos*, *diversos*, traduzem tambem uma collecção de objectos da mesma especie.

A citada definição, por incompleta e vaga, é, pois, insufficiente, não tem precisão.

Supponhamos agora que me respondeis: deante de mim acham-se *cinco blocos*.

Cinco, como — alguns, poucos, diversos — é tambem um adjectivo limitativo, mas define agora exactamente a collecção de objectos, cuja quantidade limitada eu desejaria conhecer.

Si eu fôsse cego concebela-ia tão bem como não o sendo.

Que differença se poderá, pois, estabelecer entre a significação de cinco e a de — alguns, diversos, poucos?

Uma só: a de precisão na quantidade da collecção, pois, cinco responde definidamente á pergunta — quantos blocos?

E' muito difficil mesmo formular uma rigorosa definição de numero. A melhor que poderíamos dar presentemente é que — *limita de modo definido, precisando o quanto, objectos da mesma especie*, ou melhor ainda, *é um gráo determinado de pluralidade*.

O correlativo desta definição seria, em geometria: as superficies, linhas, angulos e pontos, limitam, quanto ás dimensões, de modo definido, os volumes ou corpos.

O numero limita, de facto, definidamente e não de modo vago ou impreciso, objectos da mesma especie, em relação ao quanto.

Não é uma qualidade de objectos, nem faz parte de um delles: limita-os simplesmente e de modo particular.

A principio, fazemos essas limitações pelos sentidos: vista, tacto, ouvido — os quaes têm, todavia, um marco, um termo,

além do qual não é permitido passar. Por mais que estejam exercitados os sentidos, não poderão mesmo ultrapassal-o. Qual seja, porém, esse marco, não poderei ainda determinar ao justo.

Mas, dahi em diante cessa o alcance dos sentidos, substituido pelo que podemos chamar alcance de imaginação.

O poder deste, em precisão e clareza, depende, porém, inteiramente, do primeiro.

Este é um facto de capital importancia para o ensino, e de que nunca se deve olvidar o professor, facto que se póde synthetizar nesta expressão: o invisivel só póde ser medido pelo visivel.

A experiencia, ou em outras palavras, os productos intellectuaes, adquiridos pelos sentidos e fixos no espirito, são a unica medida para avaliar e apprehender aquelles que lhes escapam á acção directa.

Vou exemplificar, para maior clareza. Supponhamos que desejava conceber a extensão de um kilometro. Sendo-me ella invisivel no momento, só conseguiria ter uma noção exacta da sua medida, por meio do metro que, por observação directa, se acha já definidamente fixo no meu espirito.

O mesmo se dá com todos os nossos conhecimentos superiores, os quaes só conseguimos adquirir por meio de padrões introduzidos, no cerebro, pelos sentidos.

Tenho ouvido, varias vezes, grandes censuras ao methodo objectivo do ensino de numeros, servindo de principal argumento a impossibilidade de poderem a mão e a vista abranger muita coisa ao mesmo tempo.

Esta objecção é, porém, positivamente illogica; pois o que mais importa no ensino da mathematica é que as nossas medidas de valores, que só podem sêr aprendidas pelos sentidos, existam em nosso espirito tão claras e definidas, como claro e definido existe, por exemplo, o metro no espirito do empregado duma loja, acostumado a medir fazendas e fitas.

O minimo erro do padrão, que serve de termo comparativo, causaria, como é facil immaginar, um enorme erro de apreciação em um numero infinito de concepções.

Do mesmo modo, precisamente, si não forem claros ao espirito os padrões arithmeticos, mui fraca e errada será a concepção dos diversos numeros de coisas fóra do alcance dos sentidos.

O proprio argumento dos adversarios do ensino objectivo, torna-se, como acabaes de vêr, a defeza mais forte em seu proveito.

Que se póde fazer com numeros?

Procuremos a resposta, observando uma collecção qualquer de objectos, estes blocos, por exemplo.

Que poderemos fazer com ella? Em que relações poderemos vê-la?

Tiremos-lhe uma parte: nossos olhos perceberão uma limitação definida em relação ao todo. Que posso fazer agora desta parte ou numero? Separar-o em outras partes ou numeros menores, cada um dos quaes meu espirito, por intermedio da vista, limita precisamente, definidamente.

Poderei separar-o mais ainda? Posso: eis agora diversos numeros. Reuno-os de novo, formando um só numero. Separo-o agora em novos numeros, para de novo os tornar a reunir em um numero unico. Separo este numero unico em partes eguaes, considerando tudo isto como feito neste momento ou realizado remotamente. Que fiz eu, pois, sinão compôr e decompôr collecções de blocos?

Todas as operações arithmeticas, por mais difficeis ou complexas que sejam, reduzem-se, de facto, a um ou a outro destes dois simples processos: unir e separar. Ha nelles duas relações que, consideradas isoladamente, são correlativas uma da outra, podendo chamar-se, á primeira, a relação de numeros deseguaes uns para com os outros; e á segunda, relação de numeros eguaes.

Este numero de blocos posso separar-o em numeros ou partes deseguaes, reunindo-as depois num só todo; como separar-o em partes ou numeros eguaes para os reunir depois tambem num só todo.

As quatro operações chamadas fundamentaes, resumem-se nisto.

Reunindo os numeros deseguaes (fazendo delles um todo) pratico a addição; reunindo os numeros eguaes (novo processo para a vista e imaginação) pratico a multiplicação. O inverso de um e de outro constituem respectivamente a subtracção e a divisão.

A compreensão nitida destes simples factos, e da importante verdade de que todas as operações arithmeticas se reduzem inteira e unicamente á applicação destas relações, tornará o assumpto da disciplina de que tratamos uma verdadeira sciencia, em vez de uma arte complexa.

A EDUCAÇÃO

Hoje, mais que nunca, precisamos reconhecer a importancia da educação como instrumento capaz de formar o coração e bem orientar-o na conducta da vida.

Esta deve sêr a vital ambição de todo o educador. E' evidente ao observador cuidadoso e attento que alguma coisa mais que o completo desenvolvimento do intellecto e do physico, é necessaria á formação de bons homens e de boas mulheres.

Valiosos são os conhecimentos scientificos, literarios e artisticos; indispensaveis os exercicios physicos, mas todos estes conhecimentos e exercicios não bastam, por si mesmos, para a formação do homem honesto, do cidadão util, prestadio.

O intellecto e o physico precisam e devem sêr desenvolvidos, não resta a menor duvida, mas, é de mais proveito que a consciencia seja despertada e educada para que constitúa a força dominante na conducta e na vida.

As necessidades moraes do homem são ainda mais importantes que as physicas ou intellectuaes.

Nesta época de desenvolvimento e aperfeiçoamentos scientificos, ha perigo de descuidar do coração, preocupando-nos demasiadamente com o saber.

Precisamos installar no coração e na vida das crianças e da mocidade, alguma coisa definida, alguma coisa que impressione, alguma coisa que faça com que essas crianças e essa mocidade sejam amanhã homens e mulheres honestos, fieis e virtuosos, cidadãos honrados, integros.

AMBIENTE E DISCIPLINA ESCOLAR

Toda a educação é, em resumo, o resultado do contacto ou influencia dum sêr humano em relação a outro. E' a consequencia dum dar e receber mutuo, duma communicação ou transmissão de idéas e sensações.

Não importa qual seja o conhecimento que sobre determinado assumpto tenha o professor; esse conhecimento não chega á criança como simples informação, mas como uma qualidade pessoal, transmittida por um meio humano. A attitudo da criança para com o assumpto, sua aversão ou attracção pelo mesmo, o modo pelo qual elle se adapta á sua propria vida, os habitos que dahi se derivam, as questões que desperta, dependem das convenções que se vão realizando na mente infantil. O methodo de apresentação do assumpto poderá sêr completo; mas não é o methodo pedagogico tão sómente, e sim o *methodo pessoal* que realmentee affecta e modifica a criança.

Por isso que a disciplina escolar é questão continua e persistente. E' um facto mais inconsciente de que consciente.

Não ha maior erro do que confundir *disciplina* com os diferentes planos de que o professor lança mão para manter governo ou assegurar ordem, ou ainda com aquelles de que se vale quando apparecem casos de turbulencia ou rebeldia. Estes são incidentes da disciplina — incidentes importantes talvez — mas apenas incidentes. A verdadeira disciplina está na attitudo da criança, no modo de responder, nos habitos que nella estão continuamente se formando ao contacto com outras pessoas.

Às vezes, a criança entende e corresponde ao methodo pessoal do professor, ao modo pelo qual seu character se manifesta; ás vezes, é indifferente, fria; ás vezes, é avessa, procura esquivar-se e, por meio duma infinidade mais ou menos instinctiva de artificios, protege-se da influencia que sente será exercida si se entregar. Casos ha em que a criança é abertamente rebelde, e assim fórma habitos que são exactamente antagonicos á vontade do professor. Não é preciso que esta opposição seja tangivel. A conducta exterior é, não raras vezes, fraca e má reflectora das condições interiores. Bem difficeis de lêr são as marcações dos nossos barometros e thermometros moraes e psychologicos. Crianças apparentemente obedientes e doceis, têm sua corrente interior de aversão e descontentamentos, affectando mais ou menos suas idéas e emoções, e consequentemente, seu character.

A realidade da disciplina escolar é questão de applicação pessoal, desenvolvendo-se em meios tão invisiveis quão extensivos; é uma questão de ambiente e por isso de difficil comprehensão. O principio geral no qual parece baseado o estudo deste topico, é a necessidade de continuidade entre a escola e as outras agremiações, portanto a necessidade de identificação da vida escolar com a vida dum lar modelo.

A criança vem á escola com certos modos ou habitos bem estabelecidos. Em parte consciente e em parte inconscientemente, ella já estabeleceu as normas do que considera legitimos meios de communicação social; conhece certos direitos que uma pessoa póde ter sobre outra, e os deveres reciprocos. Sua concepção de direitos e deveres é muito mais ampla que a formulada pelo codigo ethico; é uma questão de direitos e de deveres, não simplesmente no sentido moral dos termos, mas incluindo todas as relações que uma pessoa possa ter com outra. Si a criança cresceu num ambiente são, a primeira coisa que reclama é *sympathia*, affeição, auxilio. E o dever correspondente, que ella mesma se impõe, não é fazer isto ou aquillo, mas sim ir ao encontro dessa affeição, *sympathia* e auxilio, com espirito de franqueza e confiança.

Poderemos admittir que a criança venha das ultimas camadas sociaes; mas, si nesse meio, nesse ambiente, não desap-

pareceu o ultimo vestigio de sentimento de familia, suas relações terão sido inspiradas e elevadas pela influencia sentimental dessa convivencia.

Si isto é certo, o primeiro problema que espera a nossa solução é: como aceitar e utilizar os principios e ideaes pertencentes á ethica familiar. Não quer dizer que a ethica familiar, que toda criança conhece, seja a mais elevada, mas é a unica que ella conhece quando vem á escola, é aquella que lhe é real e significativa, aquella que tem determinado o seu genio e a sua conducta. Póde a escola, fazer outra coisa sinão edificar sobre o alicerce que já está plantado? Uma vez que essa ethica é a unica de que dispõe a criança, uma vez que fez della o que ella é, seria mais que loucura abandonal-a, desprezal-a. O que é preciso, é saber aproveitá-la, na formação do character e dos sentimentos da criança, na sua educação, enfim.

O ENSINO DA GEOMETRIA

Eu não posso compreender porque o ensino da geometria continúa na escola primaria méra disciplina sem finalidade pratica, apenas como elemento morbido, indigesto e abhorível.

Na minha vida magistral combati sempre o dessorado systema de se querer infiltrar conhecimentos geometricos através duma enfadonha collecção de sólidos, que as crianças manejam com indifferença ou horror, e umas figuras no quadro preto cuja applicação jámais encontram na vida quotidiana.

Aprendi geometria assim; ou, antes, me ensinaram assim, e eu só vim a compreender esse conjunto de admiraveis conhecimentos quando me fiz homem e já possuia um diploma de escola superior.

Pergunte-se a um pequeno em que pensa aproveitar as noções de triangulos, sectores e áreas e elle ficará boquiaberto, julgando que estamos brincando.

E quando lhe mostrarmos um esquadro e lhe dissermos que é indispensavel na construcção de caixas, bancos, mesas, carros, navios, no traçado de parallelas e perpendiculares, na applicação, emfim, de mil e uma questões geometricas, o pobrezinho sorrirá, como a duvidar de que tudo isso seja geometria. E' que a geometria que lhe ensinaram foi aérea, illogica, incompreensivel.

E, no entretanto, nenhuma disciplina escolar é mais util, mais necessaria, mais applicavel na vida e nenhuma outra apresenta maior facilidade de aprendizagem por processos praticos, intuitivos.

Na modelação do barro, no recorte ou dobramento do papel, nos trabalhos de carpintaria, na construcção de papagaios e outros brinquedos infantis, no encapar de livros, na feitura de embrulhos, na confecção de roupas para bonecas, na cobertura das carteiras, mesas, moringues, armarios e mais objectos da escola, no traçado dos canteiros, na organização de graphics, no levantamento de plantas etc., etc., ha oppor-tunidades excellentes para o ensino de quadrilateros e polygonos, tangentes, cordas e áreas.

Por que se ha de preferir a nomenclatura árida das linhas, dos angulos e triangulos, a série immensa das formulas e das regras ás lições dadas deante do objecto e consequentemente fóra da classe, nas officinas, nos museus, nos laboratorios, nos jardins, nas hortas, nos pomares, nos campos, á beira-mar, em toda a parte, emfim, onde o discipulo possa fazer as suas observações e onde tenha alguma coisa a aprender?

Por que o ensino theorico, livresco, entorpecente e não vivo, attraente, palpitante?

Cerremos fileiras contra essa arcaica orientação; lancemos o grito de guerra, e que a nossa reacção seja immediata, prompta, efficaz.

P. DEODATO DE MORAES.





Anna de Oliveira

LIÇÕES PRÁTICAS

GEOGRAPHIA

NOÇÕES DE ESCALA

Quanto mais encorajarmos a criança a vêr e a fazer, por si, quanto mais a animarmos no seu raciocínio, tanto mais claras e duradouras serão as impressões recebidas.

Professor. — Aqui está um bello mappa do Brasil.

Alumno. — Esse mappa representa o Brasil todo?

P. — Sim; o Brasil todo.

A. — Mas, o Brasil tem mais de 8.000.0000 de km²!

A. — Tão grande assim, como é que elle póde caber nesse mappa, que é relativamente bem pequeno?

P. — Este mappa é o retrato do Brasil, não é verdade?

A. — Sim, senhor.

P. — E os retratos como podem sêr, quanto ao tamanho?

A. — Pódem sêr do tamanho natural dos objectos, ou menores e, ás vezes, até maiores.

A. — Augmentados, são poucos.

A. — E do tamanho natural tambem são raros.

P. — Do tamanho natural, já se vê, não póde haver retrato do Brasil.

A. — Então, tem que sêr diminuido.

P. — Quando o photographo, ou o amator tira um retrato reduzido duma pessoa, o que deve elle reduzir?

A. — Tudo, todas as partes.

P. — Sim, tudo, proporcionalmente.

A. — Não ha de diminuir o nariz mais do que a boca.

P. — Justamente. Assim, quando fazemos um mappa do Brasil, precisamos representar, proporcionalmente diminuidos, todos os seus detalhes.

A. — Deve-se diminuir o comprimento e a largura de seus rios, a extensão de suas costas, a altura de suas montanhas etc...

P. — Muito bem! E' isso mesmo. Vamos fazer, aqui no quadro-negro, o mappa, a planta desta sala.

Antonio e Affonso meçam o comprimento da sala; Arthur e Alvaro, a largura.

A. — Achei 6 metros de comprimento.

A. — A sala tem 5 metros de largura.

P. — Poderemos fazer um desenho que represente a sala no seu tamanho natural?

A. — Não, senhor; não caberia no quadro.

A. — Precisamos diminuir bem o desenho.

P. — Bem; vamos fazel-o cinco vezes menor.

A. — Tem que sêr um rectangulo cinco vezes menor que o natural.

A. — Menor no comprimento e na largura.

P. — Si a sala tem 6 metros de comprimento, quanto teria si fôsse cinco vezes mais curta?

A. — (Fazendo o calculo.) — Dividindo $6^m \times 5$ o comprimento será de $1^m 20$.

P. — E a largura?

A. — (Fazendo o calculo.) — A largura será de 1^m .

P. — Faça, então, no quadro, um rectangulo com essas dimensões, Paulo.

A. — (Desenha.) Prompto, professor.

P. — Esse rectangulo, que representa o rectangulo da sala, quantas vezes é menor do que ella?

A. — É cinco vezes menor que a sala.

P. — Então, esse rectangulo, que parte representa da sala toda?

A. — E' um quinto.

A. — E' a quinta parte da sala.

P. — Escrevemos $\frac{1}{5}$ aqui no canto da planta. Póde-se tabem escrever assim: 1 : 5.

A. — Que quer dizer isso, professor?

P. — Quer dizer que *um*, no mappa, é *cinco* vezes mais na sala.

A essa redução proporcional que fazemos, chamamos *escala*.

Na planta da sala qual foi nossa escala?

A. — Um para cinco, ou $\frac{1}{5}$.

P. — Essa *redução* ou *escala* é a relação que existe entre o tamanho do paiz, da sala etc., e o mappa ou planta.

A. — Quem olha na escala sabe logo quantas vezes está o mappa diminuido.

P. — Voltemos agora a olhar o mappa do Brasil. Qual é a sua escala?

A. — Aqui está escrito 1: 4.000.000.

P. — Sabem o que isso quer dizer?

A. — Que este mappa, o retrato do Brasil, está diminuido 4.000.000 de vezes.

A. — E estas duas linhas parallelas, tão bem riscadinhas, o que são?

P. — Outro modo de representar a escala; a *escala de redução*.

Qual é a nossa unidade de medida?

A. — O metro.

P. — Supponhamos, Mario, que quizessemos fazer um mappa na escala de 1 : 10.

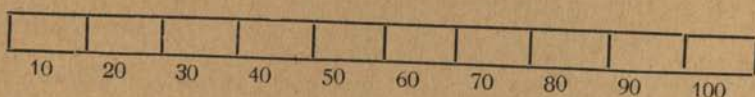
A. — Dez vezes menor.

P. — Teremos que construir uma escala, linhas parallelas, em que cada uma das divisões represente a decima parte da medida adoptada.

A. — O metro seria representado pelo decimetro.

P. — Faça, então, duas linhas parallelas de um decimetro de comprimento cada uma.

A. — (Desenhando.) Divido-as em centímetros?



P. — Sim, marque 10, 20, 30 etc., até 100.

Um decímetro, no mappa, representa *um metro*, no natural; um centímetro representa *um decímetro*; e um millímetro representa *um centímetro*.

A. — E no nosso mappa do Brasil?

P. — Um centímetro é 4.000.000 de vezes mais. Faça a conta.

A. — Um centímetro representa 40.000 metros, ou 40 kilometros.

A. — Por isso é que, no mappa, o Brasil parece tão pequeno.

P. — Noutra aula continuaremos nossa lição.

LINGUAGEM

A SENTENÇA: PREDICADO, COMPLEMENTOS ETC.

(V. "Revista Escolar", ns. 15 e 19.)

Professor. — Vamos continuar nossa lição sobre a *sentença*, comparando suas partes com as partes duma planta.

Alumno. — Eu gostei dessa lição outro dia!

P. — Lembra-se do que dissemos a respeito dos caules, quando estudavamos as sentenças?

A. — Os *caules* das plantas são como os *verbos* nas sentenças.

P. — Muito bem! Dissemos também que ha verbos que não precisam de nada para completar-lhes o sentido. Lembra-se?

A. — Sim: são os verbos de *predicação completa*.

A. — São os *verbos intransitivos*...

P. — Vimos ainda que ha outros verbos que precisam... quem sabe?

A. — Precisam de *complemento essencial*.

P. — Bravo, Julio!... Leia agora a 2.^a sentença, ali no quadro-negro.

A. — (Lendo.) *Carlos quer papel, pennas, livros, lapis e cadernos.*

P. — Qual é o predicado?

A. — E' — *quer papel pennas, livros, lapis e cadernos.*

P. — E o verbo?

A. — O verbo é — *quer.*

P. — Esse verbo tornou, por si só, o sentido completo?

A. — Não, senhor. Foi preciso dizer: *papel, pennas, livros, lapis e cadernos* para se comprehender a sentença.

P. — Todo o verbo, assim como o que acabamos de vêr, é verbo de *predicação incompleta*.

A. — Todo o verbo de *predicação incompleta* precisa então dum *complemento essencial*, não é mesmo?

P. — Sim, senhor, muito bem... é isso mesmo!

Olhem agora, no desenho, este galho, que é um caule. Completando-o, o que vemos?

A. — Folhas.

P. — O galho está, pois, *completo* com as folhas. E donde saem essas folhas, no 2.^o desenho?

A. — Do galho, do caule.

P. — Directamente, não é?

A. — Sim, senhor; saem directamente dos galhos.

P. — Assim tambem — *papel, pennas, livros, lapis e cadernos* vêm *directamente* completar o sentido do verbo *quer*.

A. — (Escrevendo.) Então — *papel, pennas, livros, lapis e cadernos* representam na sentença o que essas folhas representam no galho?

P. — *Papel, pennas, livros, lapis e cadernos* são as coisas que Carlos *quer*, as coisas desejadas por Carlos; são os *pacientes da acção verbal*.

Todo complemento que corresponde ao *paciente da acção verbal*, chama-se *complemento paciente*, *complemento objectivo* ou *complemento directo*.

A. — Então, *papel, pennas, livros, lapis e cadernos* são *complementos objectivos*...

A. — Ou *complementos directos*.

P. — Sim, são *complementos directos* do verbo *querer*, que é um verbo *transitivo*. (Variados exercicios com os *verbos transitivos*.) — Mas, nem todas as folhas nascem directamente pegadas ao caule, como estão vendo. Umas saem duns *nós*, como se vê no bambú.

A. — E' verdade, já reparei nisso.

P. — Assim tambem os *complementos essenciaes* não vêm todos *immediatamente* seguindo o verbo.

Leia a terceira sentença, Manoel.

A. — (Lê.) *Eu venho á escola*.

P. — Qual é o predicado?

A. — O predicado desta sentença é — *venho á escola*.

P. — E o verbo?

A. — O verbo é — *venho*.

P. — E' de predicação completa esse verbo?

A. — Não, senhor — precisa de *complemento essencial*...

P. — Qual é esse complemento?

A. — *A' escola*.

P. — Mas, notem bem: esse complemento essencial não representa o *paciente da acção*.

A. — Não é *complemento directo*.

P. — Muito bem. Esse complemento vem precedido de que? Que vêm vocês antes d'elle?

A. — Eu vejo um *á*, antes de *escola*.

P. — Pois esse *á* liga o complemento — *escola* ao verbo — *venho*. E' como o *nó* que prende a *folha* ao *caule*.

Estes complementos chamam-se *indirectos*. Não seguem *directamente* o verbo.

(Muitos exemplos e exercicios com complementos *indirectos*.)

P. — Vejamos nosso ultimo desenho.

A. — Aqui as folhas envolvem o caule.

P. — Póde-se dizer que formam o caule.

Leia, Armando, nossa ultima sentença.

A. — (Lê.) *Ella é boa, applicada e assidua.*

A. — O predicado é — *é boa applicada e assidua.*

A. — O verbo é — *é.*

P. — Quando você diz: *Ella é*, o sentido está completo, João?

A. — Não, senhor. Ainda aqui precisamos de *complemento essencial.*

P. — Bem essencial.

A. — *Boa, applicada e assidua* são os complementos essenciaes do verbo *é.*

P. — Sim, são essenciaes, indispensaveis.

Si em vez de *ella*, o sujeito fôsse *elle*, como diria você, Alberto?

A. — *Elle é bom, attencioso e assiduo.*

P. — E si o sujeito fôsse do plural?

A. — *Elles são bons, attenciosos e assiduos.*

P. — Precisaremos mudar os complementos dos outros verbos, quando os sujeitos variarem em genero ou em numero?

A. — Não, senhor.

P. — Explique-me isso.

A. — Eu posso dizer: Maria (ou João) quer *papel, pennas, livros, lapis e cadernos.*

A. — Tanto um menino como uma menina podem dizer: *Eu venho á escola.*

P. — Com o verbo *sêr* o complemento precisa concordar em genero e numero com o sujeito.

Esses complementos — *qualidades*, que formam com o verbo *sêr* e com alguns outros verbos uma affirmação completa, chamam-se *complementos predicativos* ou *attributivos.*

A. — Então, *boa, applicada e assidua* são complementos *attributivos.*

P. — Ha, pois, tres especies de complementos essenciaes. Quaes são, Pedro?

A. — (Mostrando os desenhos.) O *directo*, que são directamente do verbo; o *indirecto*, que é ligado por outra palavra, e o *predicativo*, que completa o verbo *sêr*.

GEOMETRIA

A PYRAMIDE

A grande curiosidade que certas gravuras despertam no espirito das crianças é um bom incentivo para obter dellas a attenção e facilitar-lhes acquisição de conhecimentos.

Professor. — Como sei que gostam de figuras, vou mostrar-lhes algumas muito interessantes. Vejam este mappa.

Alumno. — (Olhando uma gravura representando as pyramides do Egypto.) Que bonito!

A. — Isto é um deserto, não é?

A. — Ha de sêr; olhe os camelos.

A. — E isto aqui, o que será?

A. — Casas não são...

P. — São umas pyramides, celebres por mais duma razão. Levaram annos e annos para serem construidas. Nellas estão sepultados os *pharaós*, isto é, os reis do Egypto.

E' admiravel como ellas têm resistido durante centenas de annos!

A. — Então, essas pyramides hão de sêr muito interessantes!

P. — Milhares de pessoas têm ido até ao Egypto, especialmente para visital-as.

A. — Que formato esquisito que ellas têm!

P. — A sua fórma dá-lhes o nome. Tudo que tem essa fórma chama-se *pyramide*.

Veja, Carlos, aqui na nossa caixa de fórmulas, si você acha alguma *pyramide*?

A. — (Achando.) Este sólido se parece com as *pyramides* do Egypto.

A. — Este também; só é mais comprido.

P. — Ponha essas *pyramides* aqui em cima da mesa.

A. — Ficam bem direitinhas, em pé.

P. — Levante-se e mostre-nos em cada uma dellas o lado que assenta sobre a mesa.

A. — (Mostrando.) Nesta, o lado que assentou sobre a mesa é um quadrado; e nesta é um hexagono.

P. — Esse lado da *pyramide* é a sua *base*.

A. — (Mostrando.) A *base* desta *pyramide* é um quadrado, e a desta é um hexagono.

P. — Muito bem. Conforme as especies de base que têm, as *pyramides* são *quadrangulares*, *hexagonaes*, *pentagonaes*, *triangulares* etc.

A. — As do Egypto são *quadrangulares*.

P. — (Tomando uma *pyramide* quadrangular e mostrando as faces lateraes.) — Onde ficam estas faces, quando a *pyramide* está de pé?

A. — Ficam dos lados.

P. — Como estão collocadas aos lados da base, chamam-se *faces lateraes*.

Mostre-me, Luiz, as faces lateraes.

A. — (Mostra.)

P. — Quantas faces lateraes tem essa *pyramide*?

A. — Esta tem *quatro faces lateraes*.

P. — E a *pyramide* hexagonal quantas terá?

A. — Tem *seis faces lateraes*.

A. — A *pyramide* tem tantas faces lateraes quantos forem os lados da base.

P. — Muito bem! A base determina o numero de faces lateraes da *pyramide*.

Que fórmula, que geito têm essas faces lateraes, nesta *pyramide*? (Mostrando uma *pyramide* quadrangular.)

A. — Ahi são triangulares.

P. — E aqui? (Mostrando uma pyramide hexagonal.)

A. — Ahi tambem são triangulares.

P. — As faces lateraes de qualquer pyramide são sempre *triangulos*.

A reunião de todos estes triangulos fórma a *superficie lateral* da pyramide.

A. — E de todos, juntos com a base?

P. — Fórma a *superficie total*.

A. — Todas as *faces lateraes* encontram-se aqui emcima.

P. — Esse ponto de encontro de todas as faces lateraes chama-se *vertice*.

A. — O vertice é o cume, o pico da pyramide.

A. — Descendo do vertice, aqui do lado, os triangulos tambem se encontram.

P. — Como se encontram?

A. — Dois a dois.

A. — Em linhas rectas inclinadas.

P. — O ponto de encontro de duas faces, a junccão de duas superficies chama-se *aresta* da pyramide.

A. — O numero de arestas tambem é determinado pelo numero de lados.

A. — Então, esta pyramide tem quatro arestas, porque sua base é quadrangular.

P. — Sim, tem quatro arestas lateraes... E aqui na base não se encontram faces?

A. — Ah! E' verdade, as faces lateraes encontrando-se com a base, formam outras quatro arestas.

A. — A pyramide quadrangular tem *oito arestas*.

A. — O dobro do numero de lados da base.

P. — Justamente. (Mostrando uma pyramide pentagonal obliqua.) — E esta, que fórma tem?

A. — Parece uma pyramide que está caindo.

P. — Tem base?

A. — (Mostrando.) Assenta em um pentagono.

P. — E as faces lateraes são triangulos?

A. — São, mas não todos eguaes!

A. — As faces lateraes encontram-se todas aqui no *vertice*.

P. — Esta é uma *pyramide pentagonal obliqua*.

A. — E as do Egypto?

P. — São *pyramides rectas*.

A. — Quando ficam em pé, direitinhas, deviam sêr *pyramides perpendiculares*.

P. — Quando a perpendicular traçada do vertice cæe no centro da base, a *pyramide* é *recta*.

A. — Quando cæe fóra, é *obliqua*.

P. — Essa perpendicular é a *altura* da *pyramide*.

A. — As *pyramides* do Egypto, ali pintadas, têm altura bem maior que estas que temos nas mãos!

ZOOLOGIA

OS CARNIVOROS

O ensino das differentes disciplinas deve despertar o interesse da criança, ensinal-a a observar e a pensar. E' preciso encaminhal-a a observar e raciocinar e não encher-lhe o cerebro de regras, definições etc.

Professor. — (Indicando um mappa zoologico aos alumnos.) Conhecem os animaes que aqui estão representados?

Alumno. — Eu conheço, professor: nesse mappa eu vejo o gato, o leão, o tigre, a onça...

P. — E você, Manoel, que animaes está vendo?

A. — Eu vejo o cão, o lobo, a raposa...

P. — Muito bem. Qual de vocês sabe me dizer o nome que outro dia demos a esses animaes?

A. — Eu sei, professor. O leão, o tigre, o lobo, a onça, o gato etc., são animaes carnivoros.

P. — Exactamente... mas, porque?

A. — Porque são animaes que se alimentam de carne.

P. — Sim: a carne é quasi exclusivamente o seu alimento, mas alguns carnivoros ha que gostam doutras substancias.

A. — Os que se domesticam não aprendem a comer outras coisas, professor?

P. — Aprendem, sim, mas preferem sempre a carne.

A. — O meu gato gosta muito dalgumas verduras.

P. — Ha um carnivoro, bem selvagem por signal, e que gosta muito... advinhem de que?

A. — (?)

P. — De frutas e de mel!

A. — Que engraçado!

P. — Ha uns ursos pequenos na America do Norte, que chegam a causar grandes damnos aos *apicultores*, isto é, aos criadores de abelhas, pelos roubos que fazem de mel.

A. — Mas, elles não têm medo da picada das abelhas?

P. — Não, pois são protegidos por um pello basto, cerrado.

A. — Mas, o seu alimento principal, como o de todos os carnivoros, é a carne?...

P. — Sim, por isso os carnivoros já são bem differentes dos outros mamíferos.

A. — No que são differentes?

P. — A differença principal está nos *dentes* e no *intestino* que é relativamente muito curto.

Quem de vocês tem um cão ou um gato?

A. — Eu tenho um gato.

A. — Eu tambem tenho.

A. — Eu tenho um cachorro.

P. — Já reparou você, Pedro, como são os dentes incisivos do seu gato?

A. — Os da frente, não é? São bem pequenos.

A. — Parece que não acabaram de crescer.

A. — Os caninos é que são grandes e desenvolvidos.

A. — São agudos e fortes!

P. — Proprios para dilacerar as presas.

A. — Os molares eu nunca reparei como são.

P. — (Mostrando o esqueleto da cabeça dum carnívoro.)
Vejam: os dentes dos carnívoros são divididos em duas partes.
Quando as maxillas se fecham, os molares encontram-se funcionando como laminas de tesouras.

Agora vejamos outra coisa. Quem já reparou na maneira por que os gatos andam, marcham?

A. — Eu, já. Elles andam nas pontas dos pés.

A. — Mas, nem todos os carnívoros têm o mesmo modo de andar, não é professor?

P. — Sim, mas quasi todos elles marcham como o gato, sobre os dedos dos pés, e por isso chamam-se *digitigrados*.

A. — Então, o cachorró e o gato são *digitigrados*.

A. — O leão tambem é.

A. — A raposa.

A. — O tigre.

A. — A onça.

A. — O lobo.

A. — O leopardo.

A. — Quantos *digitigrados*!

P. — Sim, todos esses carnívoros são *digitigrados*.

A. — E os que não o são, como se chamam?

P. — Esses são os *plantigrados*; quando marcham, apoiam no chão toda a planta dos pés.

A. — Qual é o *plantigrado* nosso conhecido?

P. — O urso é o principal representante dos *plantigrados*.

A. — Mas, nós não temos ursos.

P. — Temos o *coati*, chamado *urso narigudo*, que é tambem *plantigrado*.

A. — O gato e o cachorro são *digitigrados*, mas tem garras diferentes.

P. — E os dois não têm o mesmo numero de dedos?

A. — Eu não sei, não, senhor.

P. — Reparem em casa nos gatos e nos cães. Ambos têm 5 dedos nas patas anteriores, e 4 nas patas posteriores... Que mais vocês notaram nas patas do gato?

A. — O gato póde recolher as unhas, quando não quer arrastar. Suas unhas são muito afiadas.

A. — E quando fica zangado, arma-se de *cada unha!*

P. — Diz-se que o gato tem unhas *retracteis*, que elle esconde com facilidade.

A. — O cachorro já não tem unhas assim.

A. — As suas unhas não são afiadas e recurvadas, como as do gato.

P. — Os carnívoros, como o gato, o tigre, o leão, a panthera, a onça etc., que têm garras *retracteis*, pertencem á familia dos *felinos*.

A. — E o cachorro?

P. — O cão, o lobo, o chacal, pertencem á familia *canina*.

A. — A' familia dos cães?

P. — Isso mesmo.

A. — O cão e o gato não são ferozes...

P. — Esses são carnívoros domesticos e que nos prestam bons serviços.

A. — Os outros carnívoros são terríveis!

P. — Sim: essa ordem encerra os animaes mais ferozes.

A. — Só o leão!..

P. — Quanto ao leão, sua força e intrepidez são taes, que bem merece elle o nome de *rei dos animaes*.

ARITHMETICA

SEGUROS

A questão de seguros é tão importante na vida moderna, que seus aspectos mais geraes devem sêr ensinados na escola.

A utilidade e importancia pratica e o lado technico do assumpto precisam sêr accênтуados.

Alumno. — O senhor viu o incendio que houve hontem na fabrica de moveis da rua X...?

Professor. — Não vi, mas li, nos jornaes, que o fogo destruiu quasi todo o edificio.

A. — Eu fui vêr e ouvi diversas pessoas falarem que a fabrica estava no seguro e, por-isso, os donos não iam perder muito...

A. — Mas, como é que não vão perder?

A. — E' mesmo... quem lhes pagará o que o fogo destruiu?

P. — Paga a companhia em que a fabrica estiver segurada.

A. — Mas, eu não entendo como é que as companhias podem pagar!

A. — Nem eu!

P. — Já vão saber. Quem põe sua casa, ou seu negocio, ou sua fabrica etc., no seguro, ou entra para uma companhia de seguros, faz um contracto que lhe garante uma indemnização em caso de perdas ou damnos resultantes de certas causas.

Esse contracto é feito por um certo prasó e mediante determinada somma paga a companhia. E' com as quantias pagas pelos segurados, que a companhia póde satisfazer a indemnização de que falamos.

A. — Ah... Agora compreendo bem: a companhia paga indirectamente: é com o concurso de todos os segurados.

P. — Exactamente.

A. — Eu tambem entendo melhor: aquelles que pagam seus seguros, em certa companhia, em caso de incendio, por exemplô, duma propriedade segurada na mesma companhia, ajudam assim a pagar a propriedade que se queimou.

P. — Justamente.

A. — Eu queria bem saber o que tem a policia com os incendios. Porque manda ella guardar as casas onde houve incendio?

P. — A policia precisa proceder á vistoria e a inquerito, para verificar as causas do incendio.

A. — Para vêr si foi proposital ou não?

P. — Isso mesmo, e si foi proposital, a companhia nada terá que pagar.

Nem todos os seguros são contra fogo. Ha seguros *contra roubos*, seguros *marítimos*...

A. — Esses são contra naufragios?

P. — Sim: contra naufragios, incendios nos navios, estragos pelas aguas do mar etc.

A. — Ih!... Quanta sorte de seguros!

P. — Nos logares assolados por tempestades e furacões, ha até seguros *contra tempestades*.

A. — Hoje em dia até os *automoveis* se põem no seguro!

P. — Esses e outros são seguros que fazemos para garantir nossas propriedades. Podemos tambem fazer seguros *pessoaes*.

A. — A familia recebe o dinheiro depois que a gente morre?

P. — Nem sempre; depende da natureza do seguro. Ainda ha os seguros contra doenças e accidentes.

A. — E' uma boa coisa!

P. — Si é! Todo homem, especialmente chefe de familia, deve ter sua vida no seguro.

A. — E' preciso escolher bem a companhia!..

P. — Sim. Umas offerecem maiores vantagens do que outras, mas todas são fiscalizadas pelo governo.

P. — Assim é bom, porque o governo nos protege!

P. — Quasi todas as companhias são organizadas como meio de emprego de capital.

A. — Quando a gente faz um seguro, assigna um contracto, não é?

P. — Sim. Esse *documento* ou contracto entre o *segurado* e a companhia, ou *seguradora*, é chamado *apolice*.

A. — E o que marca o contracto ou *apolice*?

P. — (Mostrando á classe uma *apolice*.) O *texto* da *apolice* determina todas as condições debaixo das quaes são feitas as garantias contra as perdas e damnos: — *quantia segurada, taxa, premio, tempo* e outras especificações necessarias.

A. — E' preciso determinar o tempo?

A. — Eu pensava que o seguro era para sempre!

P. — O seguro contro o fogo é geralmente renovado annualmente. Raramente as *apolicies* são para 3 annos, e nunca mais do que para 5 annos.

A. — E no fim desse tempo?

P. — E' preciso renovar a apolice, ou então perder o direito ao seguro.

A. — E a taxa?

P. — De *uns tantos por cento* sobre a somma segurada.

A. — E qual é a taxa que se costuma pagar?

P. — Depende da natureza do negocio segurado, da seguranga que o edificio offerece em caso de incendio etc.

A. — As fabricas e officinas estão mais sujeitas a incendios que as lojas.

A. — As fabricas de phosphoros e os depositos de gazolina devem pagar taxa bem alta!...

P. — As taxas variam entre $\frac{1}{8}$ do valor da quantia segurada, até 5%.

(*Os problemas de seguro não encerram difficuldades, e qual o alumno que depois desta palestra não quererá resolver problemas?*)

P. — Vamos agora encher a apolice. Como chamaremos á nossa companhia?

A. — Eu sei: "Companhia Nacional de Seguros."

P. — Boa denominação! No verso da apolice escreveremos, em primeiro logar, o nome ou firma do *segurado*. Cada um de vocês póde dar um nome á sua firma.

A. — (Escrevendo.) A minha é: José Alves & Companhia.

P. — Embaixo deve ir declarada a natureza do seguro.

A. — Que é que eu escrevo? A minha casa é uma fabrica de cigarros.

P. — Escreva: "Mercadorias e machinismos."

Embaixo vae a somma segurada.

A. — Eu vou pôr 200:000\$000.

P. — Em seguida se escreve a data do vencimento.

A. — Daqui ha um anno. Em 29 de maio de 1927.

P. — Agora, o numero da apolice.

A. — Numero 11153.

A. — A capa está prompta. E dentro?

P. — A quantia segurada, outra vez.

A. — 200:000\$000.

P. — Vamos supôr que a taxa seja de $\frac{5}{8}\%$.

Faça a conta.

A. — $\frac{5}{8}\%$ de 200:000\$000 = 1:250\$000.

P. — Fôra outras despesas menores, como sejam: sellos imposto etc., etc.

A. — Mas, sâe barato, si acontecer a fabrica pegar fogo!

(*Variados problemas poderão sêr dados tendo-se o cuidado que sejam applicaveis á vida pratica.*)

PHYSICA

REFLEXÃO DA LUZ

(*Sobre a mesa pedaços de vidro, de papel branco, panno escuro, espelhos, facas, pratos de folha, bóla de borracha etc.*)

Alumno. — Que dia lindo!

A. — Como o sol brilha!

Professor. — Hontem você não poderia ter dito isso. Porque será que alguns dias são mais bonitos, mais claros do que outros?

A. — Porque, como o senhor já disse, nos dias escuros as nuvens interpõem-se entre o sol e nós, roubando-nos a luz.

P. — Toda?

A. — Felizmente não, sinão seria escuro, mesmo de dia.

P. — Então, o que será que o sol nos dá e as nuvens nos tiram?

A. — Luz.

A. — E calor. Os dias sem sol são muito mais frios.

P. — Muito bem. E quando o sol, se nos esconde, apparecendo no outro hemispherio?

A. — E' noite.

P. — E o que nos fornece claridade á noite?

A. — A luz electrica.

A. — Os phosphoros e as vélas.

A. — O gaz.

A. — Nalguns logares, lampeões a kerozene.

A. — E lamparinas.

P. — Feche, Alvaro, a janella por onde a luz do sol está entrando.

A. — Fecho-a de todo?

P. — Não; deixe uma frestazinha.

A. — Por ahí mesmo o sol está entrando.

P. — Repare como é que o sol entra pela fresta?

A. — Bem direitinho.

A. — Em linha recta.

P. — Os *raios luminosos* caminham sempre em linha recta.

Abra outra vez a janella, Alberto. Colloque o prato de folha, o panno, o papel e o vidro emcima dessa carteira.

A. — Bem aqui, onde ha luz?

P. — Sim. Que vê, você?

A. — Alguns dos objectos brilham; outros, não.

P. — Quaes os que brilham?

A. — O prato de folha, o vidro...

A. — São luminosos?

P. — Esses objectos, como o prato e o vidro, brilham, não porque sejam *luminosos*, mas porque fazem voltar, *reflectir*, a luz que recebem.

Jogue, Paulo, esta bóla contra o chão.

A. — Como pulou alto!

P. — Porque foi que pulou alto?

A. — Eu jogueia-a com força.

P. — Si você a jogasse com a mesma força contra um grama bem fôfo, saltaria assim?

A. — Não, senhor. Saltou bem, porque o chão é duro.

P. — Jogue a bóla noutro sentido... Ella voltou na mesma direcção, como da primeira vez?

A. — Em direcção bem differente.

P. — A bóla salta, volta, *reflecte-se* em direcção differente, conforme a direcção que leva quando se encontra com o chão.

Tome, Mario, o prato de folha.

A. — (Mudando de posição.) Os raios também mudam quando eu mudo o prato.

P. — A direcção dos raios reflectidos depende da direcção em que os raios luminosos tomam quando caem á superficie do prato de folha.

Que outros corpos conhecem vocês que reflectem bem a luz?

A. — Os metaes.

A. — A prata.

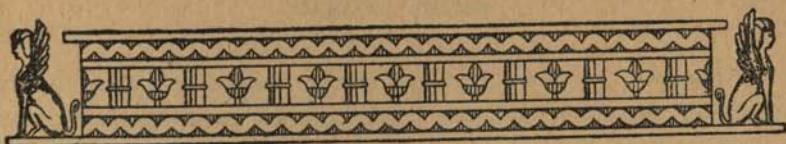
A. — O cobre.

A. — O aço.

A. — O espelho reflecte melhor que os outros. Por que será?

P. — Por causa do revestimento de mercurio e estanho, que recebe o vidro, tornando-o muito bom reflector.

Bem, é bastante, por hoje. Continuaremos noutra aula esta lição.



EDUCAÇÃO PHYSICA

JÓGOS ESCOLARES

VEADOS E MOITAS

Os jogadores são divididos em grupos de quatro.

Tres crianças de mão dadas, representam a *moita*, e uma quarta, dentro da *moita*, o *veado*. Ha um *caçador* e ainda um *veado* extranumerario.

A um dado signal começa a caçada, correndo o *caçador* ao encalço do *veado* extranumerario. Este póde entrar em qualquer das *moitas* para esconder-se do *caçador*. O *veado* que já está dentro desta *moita*, fôge, e então é perseguido pelo *caçador*, pelo que procura esconder-se noutra *moita*.

A caçada continúa até que o *caçador* consiga pegar um *veado*. Ahi os papeis reverter-se-ão: o *caçador* passa a sêr *veado*, e vice-versa.

Para que todos possam tomar parte activa no brinquedo, logo que o *veado novo* entrar na *moita*, trocará de logar com um dos tres jogadores que a formam.

Para despertar interesse e avivar o brinquedo, as corridas deverão sêr curtas, entrando o *veado*, o mais breve possivel, numa das *moitas*.

*
**

PEGADOR EM MARCHA

Em duas linhas, riscadas a distancia de uns tres metros ou mais, uma da outra, duas fileiras são formadas face a face. Cada fileira representará um *partido*.

O *partido A*, por exemplo, começa o jogo *marchando* em direcção ao *partido B*, até que o professor dê um signal. Voltam-se então os alumnos, correndo ao lugar de partida, que é o seu *piques*, perseguidos pelos do *partido B*, que procurarão pegal-os.

Qualquer jogador pegado antes de chegar á sua linha, passará a fazer parte do *partido B*.

A sahida, *sempre em passo de marcha*, será repetida alternadamente para os dois partidos.

**

PASSE !

Os alumnos, em linha, hombro a hombro, formam "*cadeia atraz*." A' frente da linha, a uma distancia convencional, está o *pegador*, de costas voltadas para a linha. Esta adeanta-se em direcção ao *pegador* que, sempre de costas voltadas, caminha ao encontro da linha.

Um alumno duma extremidade da linha, dando um ligeiro beliscão, ou tapa, na mão do vizinho, diz: *passé!* O beliscão é passado pela linha toda até ao ultimo, que deve gritar *ai!* ao recebê-lo.

Logo que ouve o *ai!* volta-se o *pegador*, perseguindo a todos da linha, que fogem para um *piques* previamente marcado. Aquelles que forem pegados ajudarão na seguinte vez a pegar os outros, ou o primeiro pegado será o seguinte *pegador*.

**

CHICOTE

Este brinquedo é feito usando-se uma toalha, ou lenço grande no qual se dá um nó: é o *chicote*.

Qualquer numero de pessoas pôde tomar parte. Uma é o *pegador*; as outras, de frente voltada para o centro, formam uma ródá, com as mãos para traz.

O primeiro *pegador* corre ao redor da rôda, exteriormente, com o *chicote*, que deixa cair nas mãos de qualquer jogador. Quem recebe o *chicote* deve immediatamente voltar-se e tentar bater com elle no companheiro da direita, ou da esquerda, como se convencionar. Esse vizinho procurará escapar, correndo ao redor da rôda e voltando ao seu lugar. Si escapar apenas com uma batida, recebe o *chicote* e troca de lugar com o primeiro *pegador*; si receber mais que uma chicotada, aquelle que está com o *chicote* trocará de lugar com o primeiro *pegador*.

O novo *pegador* recommençará o jogo, correndo ao redor da rôda e outra vez depositando o *chicote* nas mãos dum companheiro, e assim continúa o brinquedo.



LABYRINTHO

Separa-se um *pegador* e um *perseguido*.

Os outros alumnos, em duas filas parallelas, com uma distancia mais ou menos de meio metro entre as filas, dão-se as mãos, aos pares.

O *pegador* procura pegar o *perseguido*, correndo ambos entre os pares.

O professor, ou um chefe, póde, a qualquer momento, gritar: *A' direita, volver!* ou *á esquerda, volver!* e todos immediatamente voltar-se-ão a esta voz.

Estarão agora os alumnos formados em *fileiras*. Deverão logo dar as mãos aos seus companheiros. Deste modo fecham a passagem antiga abrindo nova, entre as fileiras.

O *pegador* e o *perseguido* nunca poderão atravessar onde estiverem as mãos dadas.



CAVERNAS

Cada alumno escolhe um logar que vae lhe servir de *caverna*. Poderá sêr um circulo marcado no chão; o canto dum edificio; a sombra duma arvore etc. Quando possivel, as *cavernas* devem achar-se a uma boa distancia umas das outras.

O fim do jogo é que cada *morador da caverna* pegue e prenda o maior numero de companheiros. Quando alguém fôr preso, passa a fazer parte da *caverna* cujo *morador* o prendeu, e deve ajudal-o a pegar o maior numero possivel de *moradores* para essa caverna.

O jogo começa quando um dos *moradores* deixa a sua *caverna*, e os outros procuram pegal-o.

Uma regra importante a sêr observada é que o ultimo *morador* a deixar a sua *caverna* pôde pegar quaesquer outros que o tenham procedido, e que estes não poderão prendel-o. Supponhamos, por exemplo, que os *moradores* numeros 1, 2, 3 sáiam das suas *cavernas* nessa ordem. O n.º 2 poderá pegar o n.º 1; e o n.º 3 poderá prender tanto o n.º 1 como o n.º 2. O n.º 2 não poderá pegar o n.º 3.

Os *moradores* poderão, á vontade, voltar ás *cavernas* e de novo sair, ganhando assim precedencia sobre os outros.

A' medida que o jogo se desenvolve e os differentes *moradores* são presos, grupos ha que se tornam mais numerosos. O jogo termina quando todos passam a fazer parte duma *caverna*. Póde-se estabelecer tempo determinado, vencendo, então o *morador* que no fim do tempo reunir maior numero de prisioneiros.



NYMPHA

Qualquer numero de crianças pôde brincar.

Uma é a *nympha*; as outras, divididas em dois grupos eguaes, collocam-se face a face, em linhas parallelas marcadas a uns dois ou tres metros de distancia. Este espaço entre as linhas é o *rio*, no meio do qual se acha a *nympha*.

A *nympha*, acenando, chama uma criança duma das margens. Esta por sua vez acena a uma da margem opposta, e as duas procuram trocar de margem, 'atravessando o rio. A *nympha* procurará pegar uma dellas antes que consiga alcançar a margem opposta. Si conseguir, a que foi pegada passará a sêr *nympha*, indo esta occupar o seu logar na margem.

A *nympha* deve achar-se bem no meio do rio, quando chamar.





PEDOLOGIA

A IMAGINAÇÃO E SUAS VARIEDADES NA CRIANÇA

(F. QUEIRAT. — Trad.)

CAPITULO VI

● **typo motor**

(Continuação)

Maine de Biran também considera a linguagem interior como um éco muscular. Segundo Bain, esta linguagem é acompanhada sempre de imagem do movimento laryngo-bucal. Liard é da mesma opinião: “Quando pensamos, diz elle, os orgams que servem para articular as palavras — o larynge, a lingua, os labios, as faces, as maxillas — não são sensivelmente excitados? Todo o pensamento não é acompanhado duma articulação muda, e não bastaria impellir no apparelho vocal, assim disposto duma maneira inconsciente, o sopro que o faz resoar, para obter a articulação fraca, mas entretanto distincta, das palavras que pensamos?”

Talvez haja mesmo pessoas que empreguem, para a sua linguagem interior, não as imagens motoras da articulação, mas as *imagens motoras graphicas* ou *de escritura*. O que parece provál-o *directamente*, é que numerosas crianças retêm melhor um trecho após havel-o copiado; doutro lado, factos *analogos*, relativos ás representações motoras do *desenho* e dos *gestos*, permitem crêl-o: nos surdos-mudos, a linguagem interior é constituida por imagens motoras e ao mesmo tempo visuaes dos

gestos que formam sua linguagem ordinaria. Um delles, cuja historia foi relatada pelo Dr. Fournié, escrevia: "Ainda que meus dedos e minhas mãos fiquem immoveis, eu *sinto*, quando penso, que elles agem; *vejo* interiormente a imagem que elles produzem; *sinto* meu pensamento *sê* exercer e *se identificar* com esses movimentos, que os olhos externos não vêem."

Nada poderá melhor demonstrar a importancia e o papel das imagens motoras, em certas circumstancias extraordinarias, como o caso especial da americana Laura Bridgeman.

Esta jovem, nascida em 1829, nos Estados Unidos, tornou-se, aos dois annos, *surdã, muda, cega*, e tendo muita pouca sensibilidade olfactiva e portanto, pouco paladar; apenas possuia o sentido do tacto (maravilhosamente delicado, é verdade, pois que graças a elle sómente, chegou a distinguir as côres dos diversos novelos de lã ou de seda empregados em seus trabalhos.) "Não obstante sua grande actividade intellectual, sua memoria admiravel, um grande instincto de imitação e um tacto extraordinario digno de sêr cultivado, sua educação era pouco cuidada na casa paterna. Ella distinguia os objectos pela sua fórma, dureza, peso e temperatura. Imitava os movimentos da mãe, apalpando-lhe os braços e as mãos, e assim aprendeu a costurar e a fazer *tricots*.

Em poucos mezes seu estado intellectual se modificou dum modo espantoso, graças á *palavra do tacto*, que o Dr. Howe lhe ensinou. Este fez applicar sobre as coisas de uso commum, taes como facas, garfos, colheres, chaves etc., cartões sobre os quaes o nome do objecto era escrito em relevo. Laura notou que as linhas curvas da palavra colher eram tão differentes das da palavra chave, como o eram os objectos entre si; então, puzeram-lhe nas mãos cartões com as mesmas palavras impressas. Ella as senhoreou-se logo da semelhança das letras das palavras applicadas sobre os cartões com a dos nomes dos objectos, e como prova pôz o cartão da palavra chave sobre a chave e o da palavra colher sobre a colher. Mais tarde lhe deram letras isoladas e ella as dispôz formando as palavras: livro, chave; collocaram essas letras em monte e Laura achou-as e formou as mesmas palavras."

“Até aqui, diz o doutor Howe, o acto tinha sido mecanico e o resultado pouco mais ou menos como si se ensinasse diversas habilidades a um cão intelligente. A pobre menina conservava-se num estado de admiração muda e imitava pacientemente tudo o que seu professor lhe prescrevia. Mas, depois, a luz da verdade pareceu surgir nella e sua intelligencia começou a trabalhar; ella notou que *tinha o meio de crear um signal* daquillo que se achava deante de sua alma e de mostral-o a uma outra alma, e desde ahi sua physionomia brilhou de intelligencia humana.”

Laura Bridgeman aprendeu rapidamente a lêr, a escrever e a palestrar com outras pessoas. Depois, tornou-se professora num estabelecimento de surdos-mudos e compôz preces e hymnos que parecem de valor.

A EVOLUÇÃO PSYCHICA DA CRIANÇA

(H. BOUQUET. — Trad.)

PRAZERES E PENAS

(Continuação)

Ahi observa-se apenas uma recusa e não uma verdadeira denegação, como a que exprimimos por este gesto, tanto que o seu contrario, isto é, o gesto de approvação da cabeça, não existe nessa época na criança e só apparecerá mais tarde.

Para tornar completas as expressões da criança nesse momento, só falta um elemento — a palavra. Quando esta apparecer, intervirá nessas expressões com um poder dominante, sem que desappareçam os outros meios de expressão, porque estes meios farão ainda parte da linguagem mimica, que persistirá durante um lapso de tempo consideravel.

O gráo mais elevado de soffrimento na criança como no adulto é, sem duvida, a dôr. Referimo-nos aqui á dôr physica, porque a criança, felizmente para ella, ignora nessa idade e ignorará por longo tempo ainda, que haja soffrimentos moraes capazes de ultrapassar os que devemos á imperfeição do nosso corpo e dos orgams nelle encerrados.

Ora, é um problema diagnostico que se apresenta perpetuamente a todas as mães o saber si seu filho soffre realmente ou, si ao contrario, se trata apenas duma colera, duma raiva sem substracto real. Sua ternura, sua indulgencia natural para com o pequeno sêr, incita-as naturalmente a crêr sempre num soffrimento verdadeiro onde muitas vezes só existe capricho ou ligeiro aborrecimento. Em muitos casos, é preciso confessar, o diagnostico é difficil. A criança apresenta, em sua coleras subitas, uma tal violencia que nos leva a crêr na dôr, na maior parte dos casos, sobretudo si se trata duma criança cuja natureza ainda não se teve tempo de estudar e, portanto, de conhecer; mas, si o erro é possivel nesse sentido, elle não o é no outro, e o soffrimento real se traduz por meio de reacções que raramente deixam logar á duvida. Ha com effeito nos gritos que o soffrimento arranca a esse pequenos, uma acuidade e uma espontaneidade juntamente com uma persistencia, que é excepcional encontrar em outras circumstancias. E' num periodo de calma absoluta, outras vezes no decurso dum estado doentio que esses gritos se manifestam. O soffrimento é, com effeito, para a criança, uma surpresa e ao mesmo tempo uma dôr. A proposito, poderemos citar como exemplos os gritos que ecoam no silencio e na calma do somno. Depois, si a causa cessa bruscamente, não menos bruscamente renascerá a calma, para sêr de novo interrompida pelo grito subito, si a dôr reaparece.

Emfim, si esse soffrimento se prolonga, si essas exacerbações se tornam frequentes, ficará entre os periodos de reacção viva caracterizada pelos gritos, um estado de agonia e, pôde-se dizer, de espera, que tornaria o pequeno anormal, psychicamente falando.

Vê-se, pois, a differença entre os gritos devidos ao soffrimento e os resultantes da colera ou do capricho. Nestes ultimos

casos, sabemos que o riso está bem perto das lagrimas, que a calma é duravel, que a attenção se deixa facilmente desviar. É excepcional que estas ultimas manifestações sejam subitas. Ellas são precedidas dum periodo de máo humor ou por gritos cada vez mais fortes, que chegam progressivamente ao paroxismo. A acuidade é tambem particular nos gritos devidos ao soffrimento. Ella não está sempre em relação com a violencia deste; é devida á rapidez da sensação. Essa acuidade é acompanhada duma differença de timbre notavel e caracteristica. Mas em realidade, estas differenças tão uteis de conhecer só serão notadas e interpretadas com nitidez, duma parte, pelos medicos habituados á presença dessas crianças, e doutra parte, pelos paes quando conheçam sufficientemente seus filhos para comprehender-lhes a dôr real e os gritos muitas vezes dramaticos, provocados simplesmente pela contrariedade ou pela colera.

Anna de Oliveira



LIÇÕES DE COISAS

A COLLA

Professor. — Examinem um pouco a tampa de suas carteiras e vejam si notam nellas alguma coisa interessante.

Alumno. — (Examinando a carteira.) — Onde seria que acharam uma taboa tão larga?!

A. — E' verdade... não só uma. Quantas taboas largas não foram precisas para fazer as nossas carteiras todas!

P. — Ha taboas bem largas, não ha duvida, mas as das suas carteiras têm essas larguras porque foram emendadas.

A. — E muito bem emendadas! Não se percebe a emenda.

A. — E' mesmo!... Mas, agora eu vejo: aqui está a emenda, neste ponto mais escuro.

A. — Com que será que emendam tão bem as taboas?

A. — Será com gomma arabica?

P. — Não; a gomma arabica não seria bastante forte para isso.

A. — Então, com o que é?

P. — Com colla. A colla, que os carpinteiros usam, é extrahida do casco e das pelles de certos animaes.

A. — Que animaes?

P. — Cavallos, vaccas, cabras, carneiros etc.

A. — Todos esses animaes que têm cascos grossos hão de dar boa colla!

P. — Os peixes tambem fornecem uma excellente colla.

A. — Mas, os peixes não têm cascos... Donde é que lhes tiram essa colla?

P. — Da bexiga natatoria dos peixes é fabricada uma colla, muito fina e delicada.

Porque pensavam vocês que a tampa da carteira era uma taboa interiça, sem emenda?

A. — Porque estava bem collada.

A. — Quasi que não se percebia onde estava collada.

P. — Quaes serão, pois, as qualidades que deve ter uma boa colla?

A. — Em primeiro logar, precisa grudar bem.

P. — Diz-se que é *adhesivo*, aquillo que prende, gruda, colla bem.

A. — Então, a colla precisa sêr bem *adhesiva*.

A. — Quanto menos mostrar o logar onde está emendado, melhor é a colla.

P. — Isso depende mais do operario que da qualidade da colla.

Onde mais usaremos colla, sem sêr nos moveis?

A. — Os livros são collados quando encadernados.

A. — As photographias.

A. — Mamãe concertou um prato com uma especie de colla.

P. — Usam colla, então, os carpinteiros, marceneiros, entalhadores, encadernadores, photographos, pintores etc.

A. — Os pintores tambem?

P. — Usam, misturada com a cal, uma solução fraca de colla, para que a cal não se despegue facilmente das paredes.

AS ESCOVAS

Alumno. — Posso limpar o quadro-negro, professor?

Professor. — Sim, faça o favor.

A. — Não acho a escova.

A. — Aqui está o *apagador*; é isto o que você procura, não é?

P. — Carlos disse — *escova*, em vez de *apagador*, como vocês estão acostumados a dizer, mas fiquem sabendo que não é tão errado dizer — *escova*.

Para que servem, para que são, todas as escovas?

A. — Para escovar.

A. — Para esfregar.

A. — Para limpar.

P. — E você não limpa, não esfrega o quadro-negro, quando usa o *apagador*?

A. — Limpo, sim, senhor.

A. — Então, o *apagador* também é uma especie de *escova*.

P. — Conforme o objecto que é destinado a limpar, assim são as escovas.

Que especie de escovas conhecem vocês?

A. — Escovas para dentes.

A. — Para cabellos.

A. — Para roupa.

A. — Para unhas.

A. — Para chapéos.

A. — Para sapatos.

A. — Para limpar soalhos e para outras limpezas de casa.

A. — As vassouras são uma especie de escovas.

P. — Justamente... Quantas partes tem uma escova? Vejamos esta escova que aqui está.

A. — Uma parte della é feita de pellos e outra é de madeira onde estão presos os pellos.

P. — A parte onde são inseridos os pellos é a *armação da escova*.

A. — Então, a escova tem a *armação* e os *pellos*.

P. — Nalgumas escovas, a parte da armação, onde se segura, é o *cabo*. Esta escova não têm cabo. Vejam esta outra; olhem o cabo.

A. — Nem todas as escovas têm cabo.

P. — A parte superior da armação, esta parte aqui, fórma as *costas da escova*.

Tomemos agora uma escova para dentes, por exemplo, que vocês todos têm obrigação de conhecer muito bem... De que póde sêr a sua armação?

A. — De osso.

A. — De madeira.

A. — De cellulóide.

P. — As armações dessas escovas nunca são de substancias caras, ao passo que as armações das escovas para fatos e para cabellos, são muitas vezes de tartaruga, de marfim, de prata etc.

A. — As escovas usadas na limpeza domestica têm armações de madeira bem tosca.

A. — Conforme o uso a que vae sêr destinada a escova, assim é o material empregado.

P. — Falámos das armações; e os pellos, de que são?

A. — Devem sêr pellos dalgum animal.

P. — São crinas de cavallos, pello de porco, javali, ou camelo, enfim qualquer pello resistente serve.

A. — Ha escovas para o cabello, com arame em vez de pellos.

A. — As escovas para limpeza das casas e para certos usos domesticos não são de pello.

P. — São feitas de fibras vegetaes: de côco, de piaçaba etc.

A. — Como é que collocam os pellos, tão direitinhos, nas escovas?

A. — E ficam tão seguros que não saem!

P. — E' claro que a armação é a primeira parte da escova a sêr fabricada. Depois, abrem-se nella os furos, que devem sêr feitos a igual distancia uns dos outros.

A. — Nalgumas escovas os furos atravessam toda a armação.

P. — Para fixar bem os pellos nos orificios, alguns são collados, outros são amarrados.

A. — Depois de collados, ainda têm que sêr aparados, não é, professor?

P. — Exactamente. Gostei da sua observação.

O CHIFRE

Alumno. — Que bonita caneta tem o Pedro!

Professor. — Realmente, é bem bonita.

A. — Parece que é de osso.

P. — Deixe-me vêr de que é feita a sua caneta, Pedro.

A. — Eil-a, professor.

P. — E' uma caneta de chifre.

A. — Chifre de boi?

P. — Sim; esta caneta é de chifre de boi, que é o mais utilizado para o fabrico de certos objectos, mas o chifre do carneiro, o da cabra e outros chifres também são aproveitados.

A proposito de chifres: o chifre do bufalo é muito estimado.

A. — O bufalo é uma especie de boi, não é?

P. — Sim: vejam a sua figura, ali naquelle mappa. Elle habita a America do Norte e a Asia.

A. — O bufalo é um animal ruminante, não é mesmo, professor?

P. — E', sim, ruminante, como o boi, o carneiro, a cabra etc., etc.

A. — Ih! quanta coisa não ha feita de chifre!

P. — Muita coisa. Ao fazermos a nossa *toilette* matutina, quasi todos nós usamos objectos feitos de chifre... Vejamos um desses objectos.

A. — O pente.

A. — Ha pentes finos e grossos.

A. — E ha pentes de osso.

A. — E também de tartaruga.

P. — Sim, mas o chifre é substancia mais conveniente para o fabrico de pentes, não só pela sua abundancia, como pelo seu preço.

A. — Não é tão caro como a tartaruga.

P. — O seu emprego espalhou-se rapidamente no fabrico de pentes, não só por sêr barato, como especialmente por sêr ao mesmo tempo elastico e resistente.

Mas não são apenas pentes, que são feitos de chifre. Vejam si me dão outros objectos de chifre.

A. — Cabos de bengalas.

A. — Cabos de guarda-chuvas.

A. — Botões e argolas.

P. — Cabos de facas e de garfos, assim como oaixinhas, objectos de mesa e de escritorio etc., etc.

A. — Como a caneta do Pedro.

A. — Facas para papel.

A. — Sinetes e reguas.

A. — O chifre é tão duro, que ha de sêr difficil trabalhar nelle!...

P. — Pois não é assim como você pensa. Em primeiro lugar, é preciso destacar-lhe a parte ossea.

A. — E como é que conseguem que os chifres fiquem chatos?

P. — São postos de molho em agua de cal e depois achata-dos entre chapas de ferro quentes.

A. — Ficam as placas de chifres.

P. — Justamente. Essas placas o operario serra, lima, aplai-na; dá-lhes, emfim, a fórma e o polimento que desejar.

A VOZ

Professor. — Vocês, na lição passada, já estudaram a larynge. Quem quer agora me explicar o que vem a sêr larynge? Fale você, Armando.

Alumno. — A larynge é um organ situado na parte superior da trachéa-arteria, e destina-se á producção dos sons.

P. — Muito bem. Todos sabem tambem o que seja trachéa-arteria, pois della tratámos quando estudámos a respiração. O Armando disse, e muito bem, que a larynge é um organ que produz o som. Quem é capaz agora de me dizer como se chama o som produzido pela larynge?

A. — Chama-se *voz*.

P. — Perfeitamente. Voz é a faculdade que possúe o homem, e outros animaes, de produzir sons, por meio dum organ especial, chamado...

A. — Larynge.

P. — Sim. Vamos hoje tratar da *voz*. Mas, antes, façamos uma pequena recapitulação do que estudámos sobre a larynge. O Luiz vae descrevel-a, olhando-a, ali no mappa.

A. — A larynge é formada por cartilagens unidas por membranas fibrosas. Sua parede interna é forrada por uma mucosa muito sensivel, com dobras consideraveis chamadas *ligamentos* ou *cordas vocaes*.

P. — Perfeitamente. Vejam como o Luiz é um menino intelligente e estudioso! Muito bem, Luiz!

A. — E como se produz o som na larynge?

P. — E' o que eu vou explicar. O ar, expellido pelos pulmões, ao atravessar as cordas vocaes, as faz vibrar. O som ahi produzido é o que se chama voz.

A. — Mas, porque todas as vozes não são eguaes?

P. — Bravo, meu curioso!... Vou satisfazer tão intelligente pergunta. A voz torna-se *grave*, quando as cordas vocaes têm vibrações lentas, ou quando se fala baixo, por exemplo.

A. — Ah... já sei. Si se falar muito alto, ou muito depressa, as vibrações das cordas já modificam a voz.

P. — Exactamente... E a voz torna-se *aguda*, pois as cordas vocaes ficam muito esticadas. Além disso, as fossas nazaes, os dentes etc., tambem contribúem para modificar os sons. Estes sons, no homem, articulam-se em palavras.

A. — E como se formam as palavras?

P. — Os sons produzidos pelas cordas vocaes soffrem modificações na boca, pela lingua, labios, dentes etc., formando-se assim a palavra. De todos os animaes, só o homem tem a faculdade de exprimir seu pensamento por meio da palavra.

Os outros animaes emittem sons mais ou menos variados, porém não articulados.

A. — Mas, o papagaio fala, professor...

P. — Não, meu pequeno. Elle procura apenas imitar as nossas palavras, repetindo-as como simples sons.

A. — A voz, além de expressa por palavras, póde sêr também por meio do canto, não é professor?

P. — Sim, meu amiguinho. A voz humana póde sêr de muitas especies. Assim, as mulheres podem possuir voz de soprano, meio-soprano e contralto. Quantos aos homens, a sua voz póde sêr assim classificada: voz de tenor, de barytono e de baixo.

O ESCAPHANDRO

Professor. — Agora, que terminámos nossa aula de leitura, vou attender á pergunta que o Luiz me fez. Qual foi mesmo a sua pergunta, Luiz?

Alumno. — Eu queria saber como é que procedem quando, em alto mar, se desarranja alguma parte do casco dum navio?

A. — Deve sêr horrivel!

P. — Quando é coisa de pouca importancia, fica para sêr reparada no porto.

A. — E quando é urgente?

P. — Para isso todo o navio, especialmente os navios de guerra, leva homens praticos de descer no fundo do mar. Elles põem uma armadura apropriada, pegam as ferramentas e descem a reparar o desarranjo.

A. — Como os homens que vão pescar perolas no fundo do mar?

P. — Isso mesmo. Elles usam um aparelho que é o resultado de seculos de experiencias.

A. — Quanto tempo podem ficar debaixo da agua?

P. — Alguns chegam a ficar cinco e até seis horas.

A. — E podem ir até ao fundo do mar?

P. — Conforme a profundidade do mar. A distancia média, a que geralmente descem esses homens, chamados *escaphandristas*, é de 30 a 35 metros.

A. — Porque não descem mais?

P. — Porque quanto mais descem, maior é a pressão de ar que soffrem. Um homem que desceu a 30 metros, já tem que respirar um ar 4 vezes mais pesado que o ar que respiraria á superficie da terra.

A. — Mas, como é a roupa desses homens?

P. — (Mostrando a gravura aos alumnos.) Olhem, com attenção, para esta figura. O apparelhamento completo chama-se *escaphandro*. A roupa, que é absolutamente impermeavel, cobre o corpo, do pescoço as pés.

A. — As mãos precisam ficar livres, não é mesmo?

P. — Sim. As mangas terminam em punhos, que devem ficar bem cerrados nos pulsos. Estão vendo?

A. — Sim, professor.

A. — E nos pés?

P. — Vejam: botas massiças, com sólas de chumbo cobrem os pés e as pernas.

A. — E na cabeça?

P. — Na cabeça vae um capacete, como o que aqui está pintado.

A. — E como é que enxergam?

P. — O capacete, como vêem, tem tres especies de janellas: uma correspondente á face, e duas correspondentes aos ouvidos.

A. — E para respirar, como é?

P. — No systema antigo de *escaphandros*, esse capacete tinha uma valvula presa a um tubo através do qual vinha o ar impulsionado por uma bomba.

A. — E para sair o ar respirado?

P. — Uma segunda valvula no capacete expellia o ar respirado.

A. — E hoje, como é?

P. — No systema actual o *escaphandrista* póde respirar independentemente do auxilio de cima: leva consigo um deposito de ar comprimido.

A. — Quanta utilidade não tem esse ar comprimido!

A. — Toda essa bagagem deve pesar bastante!

P. — Pesa, mas ainda não pesa sufficientemente. Para que o escaphandrista possa mergulhar com facilidade, a sua roupa é forrada de chumbo.

A. — E como é que descem na agua?

P. — Amarram-lhes cordas pela cintura.

A. — Precisam sêr bem fortes para aguentar tanto peso!

P. — E depois descem os escaphandristas ao mar, ás vezes por uma escada collocada ao lado do navio.

A. — Um apparelho completo destes, um *escafandro*, deve custar bem caro!

P. — Custa, sim, mas a quantia é insignificante, si se levar em conta o serviço que póde realizar, serviço util e até humanitario, quando se trata de reparar um estrago ou desarranjo; lucrativo, quando os escaphandros são usados para recuperar os grandes thesouros que se acham sepultados em navios, no fundo do mar.

OS SUBMARINOS

Professor. — Que livro é esse, que você tem ahi sobre a carteira?

Alumno. — Este é um livro muito interessante, que acabei de lêr hontem: — “Vinte mil leguas submarinas.”

P. — Quando Julio Verne, escreveu esse livro, ninguem imaginava que chegasse o dia em que se pudesse, de facto, viajar debaixo do mar!

A. — E hoje bem que se póde!

A. — Como?

A. — Pois os submarinos não andam por baixo da agua, Luiz? Você não sabia?

A. — E’ verdade!

A. — Homem, eu não posso entender como é que os tripulantes dum submarino pódem ficar tanto tempo embaixo da agua, sem respirar!

P. — Elles não ficam sem respirar, pois não são differentes dos outros homens; precisam de ar.

A. — Onde é que acham ar, lá embaixo do mar?

P. — Levam provisão de ar... Mas, vejamos, em primeiro lugar, o que é um *submarino*?

A. — Pois não é uma embarcação que anda no fundo do mar?

P. — Sim; os submarinos são navios destinados a navegar embaixo do mar, mas pôdem também andar na superfície das aguas.

A. — São usados em tempo de guerra, não são?

P. — Sim; os submarinos empregam-se na guerra.

A. — Mergulham quando ha perigo.

A. — Eu já vi a gravura duma flotilha de submarinos.

A. — São esquisitos!

P. — (Mostrando á classe a gravura dum submarino.) — Aqui tem vocês a gravura dum submarino.

A. — Tem a fórma dum charuto; só é chato em cima.

P. — Ahi é que ficam os officiaes, quando o submarino está á superfície da agua.

Aqui no meio do tombadilho, vejam, ha esta torre.

A. — E por onde é que entram os marinheiros? Eu não vejo portas!...

A. — Nem janellas.

P. — E' pela torre que elles entram. E' a unica abertura, que é hermeticamente fechada com uma tampa de aço, quando todos os tripulantes estão dentro.

A. — Que é isto aqui, que parece um pharol?

P. — E' parte muito importante do submarino: é a parte superior do *periscopio*.

A. — Um *periscopio*?

P. — E' um apparelho que nos mostra o que se passa acima do mar, ao redór todo.

A. — Que instrumento maravilhoso!

P. — Reflecte a imagem de tudo, de horizonte a horizonte! Olhando a superfície plana na qual as imagens são reflectidas, o official vê tudo que está se passando ao seu redór.

A. — Vê os perigos e sabe o caminho que deve tomar.

P. — Essa invenção é poderoso auxiliar do submarino. Sem ella, o submarino dexaria muito a desejar.

A. — A agua não póde entrar nos submarinos?

P. — Elles são construidos de modo a excluir absolutamente a agua.

A. — São bem impermeaveis!

P. — Mas os tripulantes do submarino podem fazel-o receber agua.

A. — Para que?

P. — Quando querem que elle desça mais, abrem valvulas que permitem a entrada da agua em compartimentos especiaes. Assim, o submarino desce com facilidade: a agua augmenta-lhe o peso.

A. — E quando querem subir, como é?

P. — E' só fazer sair a agua que foi introduzida.

A. — Como é que são tocados os submarinos?

P. — A gazolina. Elles têm leme e helice, como os navios, e ainda dois lemes especiaes, que trabalham horizontalmente ajudando-os a subir ou a descer.

A. — Podem descer quanto quizerem?

P. — A profundidade a que pódem descer é limitada pela resistencia que o casco do submarino offerece á pressão dagua.

A. — Mas, ainda não vimos como é que os homens nos submarinos podem respirar?

P. — E' verdade. Para isso os submarinos levam comsigo uma provisão de *ar comprimido*, que é regularmente distribuido pelos diversos compartimentos.

A. — Que interessante!

P. — Uma vez livre, o ar comprimido vae servir á respiração. E' a força desse ar comprimido que expelle a agua dos tanques ou depositos.

A. — E o que fazem do ar já respirado, que está cheio de gaz carbonico?

P. — E' expellido juntamente com o gaz formado pelos motores. Todo o submarino tem um *manometro* por meio do qual um official encarregado, constantemente verifica a pureza do ar que os seus homens estão respirando.

A. — E para comer, como fazem os tripulantes?

P. — Podem fazer isso com facilidade, pois carregam consigo tanto comida, como agua para beber.

A. — Quanta coisa!

P. — E' admiravel a descripção de todas as maravilhas encerradas no casco duma dessas terriveis machinas de guerra.





INSTRUÇÃO PUBLICA

(Da mensagem apresentada ao Congresso Legislativo, em 14 de julho do corrente anno, pelo Exmo. Sr. Presidente do Estado.)

A ultima refôrma da Instrução Publica deu-lhe nova feição, sem, comtudo, tirar-lhe a essencia que a caracteriza desde os primeiros governos republicanos, que sempre a collocaram em situação de destaque e de maneira a satisfazer as necessidades do Estado.

A actual organização caracteriza-se pelo seu apparelho de orientação e inspecção, que é o mais completo possível. A inspecção é repartida por quatro zonas, a cargo de quatro inspectores geraes, dispondo, em média, de doze inspectores districtaes, com séde nos respectivos districtos escolares, formados geralmente por cinco municipios. Cada inspector districtal, por sua vez, conta com auxiliares de serviço (professores, ou directores em exercicio) sendo um para tres escolas no minimo.

Desse modo, todos os estabelecimentos, mesmo os mais distantes, encontram-se amparados por autoridades escolares, para provêl-os das suas necessidades e ao mesmo tempo exigirem dos regentes o indispensavel cumprimento de seus deveres.

A orientação, centralizada na Directoria Geral, gradativamente se irradia, das mais altas autoridades até aos inspectores de districto e visa attingir o ideal de fazer funcionar,

com a maxima regularidade, o extenso e delicado mecanismo do ensino.

A refórma solucionou tambem a importante questão das materias especiaes, como a musica, o desenho etc., estabelecendo inspectores especializados, com pessoal auxiliar, de maneira que a moderna orientação desse ensino se estende desde as escolas normaes até ás isoladas, em todo o Estado. Os resultados já colhidos, apesar do pouco tempo decorrido, são auspiciosos, podendo-se affirmar que a methodização dessas materias vae alcançando entre nós o caminho traçado pelos pedagogistas.

As escolas maternas e crèches, instituições que particular cuidado reclamam, ficaram, pela mesma fórma, a cargo duma inspectoría especializada.

As escolas normaes e gymnasios, que constituem um ramo á parte, pois que são estabelecimentos de ensino secundario, acham-se sob as vistas de um inspector geral, o mesmo acontecendo com as escolas profissionaes, sob a orientação e fiscalização do inspector especial de trabalhos manuaes, escolhido dentre os directores dessas casas de ensino.

Com tal organização póde o governo acompanhar a marcha das unidades escolares distribuidas pelo territorio do Estado e ainda saber das necessidades regionaes, para melhor localização, supprimindo as desnecessarias ou creando novas fontes de ensino, consoante o desenvolvimento dos nucleos de população.

A importancia, sempre crescente, do departamento do ensino, exigiu provê-lo de meios para a sua cabal direcção. Foi por isso que se instituiu o Conselho Geral da Instrucção Publica, formado pelos inspectores geraes, competindo-lhe julgar syndicancias e processos administrativos e applicar as penas, com recurso para o Secretario do Interior. E' da sua alçada ainda approvar e classificar os livros didacticos.

Mistér se torna multiplicar as escolas maternas e crèches, indo em soccorro dos filhos de proletarios, pois que as mães, premidas pelas existencia da vida, são forçadas ao trabalho das

fabricas. Junto a estas, de preferencia quando os proprietarios offerecem prédio e alimentação, estão sendo installados taes estabelecimentos, com pessoal sufficiente para dirigir, ensinar e tratar das crianças que os frequentam, inclusive os lactentes, para os quaes são dispensados cuidados especiaes.

Funcionam escolas maternas e crèches em Votorantim, Santa Rosalia e na "Cruz Azul," instituição que tem a seu cargo os filhos dos militares da Força Publica.

Disseminar escolas por toda a parte tem sido a preocupação dos governos paulistas.

A despeito do empenho manifestado nesse sentido, verifica-se, todavia, que as condições precarias de certas localidades afastam a concorrência de professores, que, uma vez empossados no cargo, requerem licença, remoção, ou abandonam a escola. Para não deixar ao desamparo taes localidades, a lei estabeleceu medida de caracter provisorio, mas indispensavel: a aceitação de professores interinos, residentes nas localidades cujas escolas não conseguem provimento e que, depois de submettidos a exame, são nomeados para esses cargos, nelles permanecendo até que a escola seja requerida por professor normalista. Para evitar interrupção de funcionamento, taes funcionarios não têm direito a licença. E' esse um recurso de que, no momento, o Estado é obrigado a lançar mão, a despeito das dez escolas normaes existentes e do elevado numero de candidatos que annualmente por ellas se diplomam.

Ainda este anno serão contempladas com o provimento de escolas por pessoal interino, as localidades do litoral norte e sul, umas em franco desenvolvimento, devido á affluencia de colonos estrangeiros, outras ainda entregues á vida simples de seus moradores, espalhados pelas praias e costas do litoral e ilhas.

Ao encerrar-se o anno lectivo de 1925, funcionavam 1.318 escolas isoladas, frequentadas por 63.039 alumnos, dos quaes 36.238 do sexo masculino e 26.801 do sexo feminino.

O municipio da capital foi servido por 73 escolas isoladas, que receberam 2.005 meninos e 2.034 meninas, ou seja um total de 4.039 alumnos.

Destinados a maiores de 12 annos, de ambos os sexos, operarios ou empregados que não puderam em tempo opportuno frequentar os bancos escolares, existem 34 cursos nocturnos e 49 escolas nocturnas, com um total de 120 classes, frequentadas por 8.816 alumnos.

As escolas nocturnas obedecem ao mesmo regimen das escolas isoladas diurnas. Os cursos nocturnos são regidos por professores em exercicio nos grupos ou escolas, percebendo a gratificação de 150\$ mensaes por mais esse trabalho. Segundo a lei determina, á medida que vagam, as escolas nocturnas são transformadas em cursos nocturnos, com real vantagem para o ensino.

As escolas reunidas são estabelecimentos que, no geral, precedem á organização dos grupos. Tres ou mais escolas installadas em um raio de dois kilometros passam a funcionar em o mesmo edificio, sob a direcção de um dos professores, para esse fim designado. O ensino é, por esse modo, distribuido com maiores probabilidades de exito, approximando-se da uniformidade desejada, que é sómente conseguida nos grupos.

Foi de 236 o numero dessas casas de ensino, com 926 escolas, frequentadas por 48.224 alumnos, dos quaes 32.488 meninos e 15.736 meninas.

Funcionaram durante o anno 275 grupos-escolares, dos quaes 78 em virtude de transformação de escolas reunidas.

No numero desses estabelecimentos, que representam o ideal para a perfeição do apparelho escolar, 61 tinham de vinte classes para mais.

A matricula total verificada foi de 169.486 alumnos, pertencendo 82.923 ao sexo masculino e 86.563 ao feminino. O numero total de classes foi de 3.652.

Na capital funcionaram 47 grupos-escolares com 957 classes, frequentadas por 43.416 alumnos, dos quaes 21.747 meninos e 21.669 meninas.

Em relação ao anno de 1924, houve, em todo o Estado, um augmento de 78 grupos-escolares.

As escolas normaes tiveram o seu curso augmentado para 5 annos e os programmas foram enriquecidos de novas materias.

Não resta duvida que a formação do educador deve sêr encarada sob duplo aspecto: o scientifico e o technico. Quanto maior fôr o seu cabedal intellectual, tanto mais completa será a sua technica pedagogica, pois a amplitude dos seus conhecimentos influirá para melhor vingarem os modernos programmas de ensino, que visam satisfazer plenamente necessidades e condições das populações, tanto ruraes como centraes.

O restabelecimento da cadeira de inglez, supprimida das antigas normaes secundarias, teve por fim tornar familiar ao futuro educador a literatura pedagogica ingleza e americana, preciosa em ensinamentos.

A puericultura, noções de direito usual e de historia da America, são materias de grande alcance que preenchem um programma de educação compativel com as nossas aspirações.

As dez escolas normaes existentes foram procuradas no anno de 1925, por 1.705 candidatos ao magisterio. Concluíram o curso 239 alumnos.

As escolas complementares perderam a sua feição cathedratica para serem simples cursos primarios aperfeiçoados e de preparação para a escoa normal.

O movimento de matricula nesses estabelecimentos foi de 1.207 alumnos, pertencendo 252 ao sexo masculino e 955 ao feminino.

As escolas e collegios particulares representam notavel concurso na tarefa nobilitante da educação da infancia e mocidade patricia. Muitos collegios alcançaram posição de extraordinario destaque e por esse motivo são procurados com empenho por jovens vindos de Estados longinquos, a despeito das difficuldades a vencer.

Esses cursos moldam-se no geral pelos programmas officiaes e o proprio ensino procura seguir a orientação dos estabelecimentos mantidos pelos Estado.

Muitas escolas de character popular, destinadas aos filhos de operarios ou a desherdados da fortuna merecem especial attenção dos poderes publicos, conseguindo auxilios pecuniarios, fornecimentos de livros, de moveis e até a designação de professores normalistas que ali exercem o seu mistér, por conta do Estado.

Visando acautelar os altos interesses da nacionalidade, vae sendo cumprida a lei que regula o funccionamento de taes escolas, principalmente na parte referente ao ensino do nosso idioma, da geographia e historia patria. Os inspectores têm impedido o funccionamento de cursos de organização deficiente, regidos por pessoal de comprovada inhabilidade.

Funcionam em todo o Estado 2.063 estabelecimentos, sendo 1.588 no interior, frequentados por 39.775 alumnos, e na capital, 475, frequentados por 27.511 alumnos. O total, pois, eleva-se a 67.286.

Não se descuida o governo de provêr as suas escolas do respectivo mobiliario e material didactico. De preferencia, fornece o indispensavel ás escolas isoladas, de maneira a amparar as populações menos favorecidas que poderão instruir seus filhos sem a minima despesa.

A annexação do Almoxarifado da Secretaria do Interior á Directoria Geral da Instrucção Publica, veiu proporcionar ensejo para que aquella repartição se molde aos fins a que é destinada.

Sob a immediata dependencia duma repartição technica que superintendente todo o ensino primario e secundario, deve por força melhorar quanto á qualidade do material fornecido que necessita harmonizar-se ás exigencias pedagogicas e corresponder ás maiores necessidades. Além disso, tratando-se dum patrimonio do Estado, que representa não pequeno onus, distribuido por milhares de estabelecimentos, mais facil se torna agora o seu arrolamento e, consequentemente, melhor se canaliza a sua distribuição, visto como em todos os districtos escolares, municipios, villas e povoados, ha pessoal administrativo em correspondencia com as altas autoridades do ensino.

A receita do Almoxarifado, no anno de 1925, foi a seguinte:

Verba votada	1.304:296\$000
Credito extraordinario	1.000:000\$000
Para novas installações de escolas	827:978\$996
Total	3.132:274\$996

DESPESA:

Pela verba orçamentaria	2.363:448\$856
Aluguel de casa	39:600\$000
Pessoal de nomeação	49:296\$000
Saldo credor	679:930\$140
Total	3.132:274\$996

O stock de material existente no Almoxarifado era, ao encerrar-se o anno de 1925, de 1.623:909\$334, assim especificado:

Livros didacticos	308:278\$450
Moveis e utensilios escolares	254:695\$862
Material de expediente: — lapis, tinta, papel, pennas etc.	1.060:935\$022
Total	1.623:909\$334

A secção de expedição despachou 19.406 volumes com o peso de 332.661 kilogrammos.

Continuam a prestar excellentes serviços ao Estado as cinco escolas profissionais existentes, distribuidas pela capital, Rio Claro, Amparo e Franca.

Nellas procuram instrucção e habilitação profissional os que por vocação se destinam aos multiplos ramos de trabalho manual. As industrias manufactureras, que tanto carecem de

braços para satisfazer as nossas necessidades economicas e acompanhar o surto do nosso progresso, recebem todos os annos preciosos elementos sahidos dessas escolas praticas.

O Estado apparellhou cuidadosamente as suas officinas, moldando-as pelas exigencias da mecanica moderna. Das proprias mãos dos artifices saem hoje em dia as novas machinas que concorrem para o augmento da sua capacidade de ensino e de producção. Cada operario aprendiz dedica um pouco do seu esforço em proveito material da casa que lhe proporciona meios para lutar condignamente, de maneira que o estabelecimento vê annualmente crescida a sua dotação, sem despesa para os cofres publicos.

Com o intuito de ir em auxilio do artifice já entregue ao seu arduo labor, para melhorar-lhe as condições de habilitação, todas as escolas mantêm, á noite, um curso de aperfeiçoamento, que consta de desenho, plastica e esculptura.

Foram procurados esses estabelecimentos por 2.709 alumnos, dos quaes 744 matriculados no curso de aperfeiçoamento.

A renda bruta annual alcançada por todas as escolas profissionais foi de rs. 266:367\$890. Desse resultado applicaram-se rs. 160:408\$255 em beneficio dos primeiros estabelecimentos e recolheram-se ao Thesouro 65:100\$156.

Os tres gymnasios mantidos pelo Estado, na Capital, Campinas e Ribeirão Preto, equiparados ao Pedro II, tiveram os annos do curso repletos de alumnos, tendo havido desdobramento para se poder attender, em parte, aos pedidos de matricula.

Além das cadeiras exigidas pela legislação federal, existem outras julgadas de utilidade para completar o preparo intellectual da mocidade que se destina aos cursos superiores.

A matricula total, nos seis annos de curso, foi de 1.323 alumnos.

Fazia-se, de ha muito, sentir a necessidade de se augmentarem os vencimentos dos professores publicos. São Paulo, que sempre timbrou em pagar bem os seus servidores, não podia, na quadra actual de vida carissima, deixar de ir ao encontro das necessidades desses funcionarios que tão bons

serviços prestam á causa publica. Todos elles, sem excepção, tiveram sensivelmente augmentados os ordenados.

A repartição medico-escolar, subordinada á Directoria Geral da Instrucção Publica, continúa prestando relevantes serviços aos alumnos das escolas publicas e particulares, em suas repetidas visitas.

Foram visitados 3.951 estabelecimentos, dos quaes 2.467 mantidos pelo Estado.

Houve 111.746 inspecções em classe e 1.313 prelecções sobre hygiene individual.

Foram expeditas 4.793 prescripções, 17.111 boletins medicos e 12.344 boletins dentarios.

A inspecção dentaria visitou 96 escolas e realizou 3.224 inspecções em classes.

A situação, pois, do ensino, em São Paulo, no fim do anno de 1925, era a seguinte:

NO ENSINO OFFICIAL:

Matriculas nas escolas isoladas e cursos nocturnos	63.039
Nos grupos-escolares	169.486
Nas escolas reunidas	48.224
Nas escolas complementares	723
Nos cursos de instrucção das escolas profissionaes	2.709
Nas escolas normaes	1.705
Nos gymnasios	1.323
Total	288.416

NO ENSINO PARTICULAR:

Matriculados, na Capital	27.511
Matriculados, no interior	39.775
Total	67.286

Total geral: — 355.702





LITTERATURA INFANTIL

A MADRUGADA NO CAMPO

Tinhamos sahido de madrugada, a cavallo, matto a dentro. Deixámos a fazenda, tomámos a estrada, enfiámos por um atalho da floresta. O declive quasi a pino, pedregoso e abrupto, mal permittia o passo dos animaes. Pedras de quando em quando, desprendendo-se do chão ao bater das patas, rolavam até o extremo da ladeira. Um garganteio de aves assustadas passava com um turbilhão de azas a cada rumor mais vivo. Seguíamos a custo. Mais adeante entrámos, emfim. numa vereda lisa e larga. Por sobre as nossas cabeças a ramaria densa fechava-se inteiramente. O chão estava humido. Poças, ás vezes, faziam chapinhar os cavallos, respingando-nos de lama. O caminho abria-se por uma planicie, ao lado do nascente; abria-se como a boca dum tunnel de verdura. Áquella hora o sol estava prestes a despontar. O céu no oriente tingia-se dum vermelho vivo e chammejante, que distinguíamos de longe, como um reposteiro escarlata corrido á porta da estrada, lá longe, lá muito longe... Da matta, á direita e á esquerda, vinha um reboço de folhagens remexidas, de folhas pisadas, galhos afastados, ruflo de azas abrindo vôo por entre a fronde das arvores...

M. E ABUQUERQUE.



O CANTARO ENCANTADO

Em Laristans, na Persia, vivia outróra um pescador que era muito indolente. Deixava-se ficar, todos os dias, durante varias horas, a dormir sob uma arvore junto ao rio.

Um dia quando o preguiçoso pescador dormia como de costume á sombra duma acacia, teve o seu somno agitado por um sonho que muito o impressionou.

Sonhou que encontrara no campo, ao voltar para sua casa, um grande cantaro de ferro, no fundo do qual descobriu, com surpresa, uma moeda de ouro.

Sandji — era assim que se chamava o pescador — estendeu a mão e arrancou do fundo do cantaro o precioso achado. Qual não foi, porém, o seu espanto ao verificar que nova moeda, egual, apparecera em substituição á primeira!

O cantaro era encantado!

A cada moeda que o pescador tirava, outra logo, nova e rutilante, surgia ao alcance de sua mão.

Quando acordou resolveu ir o pescador consultar um velho sacerdote que perto morava e que era perito em decifrar sonhos e visões.

Que significação teria aquelle sonho mysterioso do cantaro encantado?

— E' muito simples, respondeu o sacerdote; vá ao rio, atira tua rêde e saberás, então, a significação exacta do sonho.

Encheu-se o pescador de animo e foi ao rio. Viu varios peixes que andavam na corrente. Atirou a sua pesada rêde e apanhou alguns. Novos peixes surgiam no seio das aguas. O pescador atirou outra vez a rêde e teve a felicidade de apanhar outros. E, assim, trabalhando activamente, o bom Sandji conseguiu fazer, naquelle dia, uma pesca muito maior do que costumava fazer durante um mez inteiro.

Um mercador que passava com seus ajudantes, corretores e escravos, ao vêr os cestos do pescador repletos de lindos peixes, comprou-os todos por uma boa quantia.

Só então Sandji — o pescador — compreendeu a significação de seu sonho e o verdadeiro sentido das palavras do velho sacerdote.

O rio era afinal o cantaro encantado. Do fundo do rio tirava elle os peixes, que se transformavam nas ambicionadas moedas de ouro.

Reparae bem, ó meninos de minha terra! — reparae bem! O trabalho, honesto e bem orientado, é um cantaro encantado, no fundo do qual ha sempre moeda de ouro para o homem intelligente e activo que a quizer ir buscar.



PALAVRAS DE MINHA MÃE

Quando, num dia calmo, eu vim ao mundo,
Minha Mãe, santa e nobre Flôr de Liz,
Disse, olhando os meus olhos bem no fundo:
— Meu filho! has de sêr bom e sêr feliz!

No decorrer do tempo, na bravia
Onda humana que ruge e se encapella,
Qualquer coisa de mal que acontecia,
Eu me lembrava das palavras d'Ella
E era um gozo infinito o que eu soffria.

Hoje, homem feito, a alma cansada e morta,
Colhendo males pelo bem que fiz,
Ainda ouço a mesma voz que me conforta.
Sei a sorte que tenho, mas que importa?
Quero illudir-me para sêr feliz!

OLEGARIO MARIANNO.



MANDAMENTOS

I

Devo amar a escola, como si fôsse o meu lar

Entrei na escola pequenino e ignorante; mas hei de estudar com amor, para vir a sêr um homem instruído e um homem de bem.

A escola abrigou-me tão cuidadosamente, como si fôsse a casa de meus paes.

A escola deu-me horas de alegria, sempre que me esforcei trabalhando.

A escola conhece o meu coração, conhece os meus desejos, conhece os meus sonhos.

E só quero ter desejos e sonhos bons, nesta casa que respeito como um logar sagrado, em que a gente fica em meditação, para se tornar melhor.

II

Devo amar e respeitar a professora, como si fôsse minha mãe

Durante o dia todo, a professora pensa em mim, pensa no que sou, pensa no que hei de sêr.

Ella deseja vêr-me instruído e bom; e para isso trabalha. Não conhece cansaços, porque não tem tempo de descansar. Não conhece doenças, porque não póde adoecer. Quem zelaria por nós?

Não conhece diversões. Onde o tempo de se divertir, si ella vive pensando em nós, si ella vive para nós, unicamente para nós!

A professora é a minha protecção e o meu guia. Devo amal-a e respeitá-la, como si fôsse também minha mãe.

III

Devo fazer dos meus collegas meus irmãos

Quando vim para a escola, vieram commigo outros que não conhecia, mas que tambem aqui estão para trabalhar e aprender. Vivo entre os filhos dos ricos e dos pobres; vivo entre adeantados e atrasados, bons e máos, intelligentes ou não...

Todos nós temos os nossos deveres, todos somos eguaes aqui. E eu, que desejo progredir, devo ajudar os collegas que não podem, sózinhos, fazer o mesmo. Devo repetir-lhes as lições, devo ensinar-lhes a amar a escola, a respeitar a professora e a desejar sempre o maior e o melhor.

Eu, que desejo sêr bom e util, devo fazer dos meus collegas meus irmãos.

CECILIA MEIRELLES.



UM BOM CONSELHO

PERSONAGENS: *Egberto*, menino de dez annos, vivo e intelligente. *Alvaro*, seu irmão mais velho.

EGBERTO — (*Entra trazendo nas mãos uma avezita.*) — Victoria, victoria! Apanhei-te, emfim, meu maganão! És meu! (*Dirigindo-se ao irmão que, sentado, lê.*) — Olha, Alvaro, que lindo! Levei muitos dias a fio a espreital-o; custou-me surprehendel-o, pois é dos mais ariscos. Não calculas quanto trabalho tive para deitar-lhe a mão, mas... (*ao passaro*) agora, meu ma-

ganão, não me escaparás mais! Vou dar-te, em compensação, uma casinha linda e fazer-te, ao mesmo tempo, um grande beneficio: — não precisarás mais cansar tuas asinhas á procura de alimentos; na tua nova morada encontrarás sempre agua fresca, alpiste, óvos, folhinhas tenras, bichinhos, enfim, tudo o que aprecias. (*Ao irmão.*) Estou satisfeitissimo, Alvaro; nem podes imaginar o quanto fiz para alcançar esta esplendida victoria!

Sabes? Naquella ameixeira grande, lá no fundo do quintal, tinha elle construido o ninho; eu queria apanhal-o, porém elle era muito esperto; mal me avistava, batia as asas e... adeus! não lhe punha mais a vista em cima! Mas, como sempre nos diz a professora — “a perseverança tudo vence,” “quem espera, sempre alcança”... Persisti no meu intento, muni-me de paciencia e, hoje, depois de muitos sacrificios, vi coroados os meus esforços. (*Impedindo ao irmão que lhe quer falar.*) Espera ainda; não te disse tudo; depois, falarás. (*Continuando.*) Armei-lhe um alçapão... esperei, esperei... Nada! Arranjei visgo e passei-o em varios ramos da ameixeira, mas o damnadinho parecia que adivinhava, e não pousava em nenhum delles. Que fazer? Tive uma idéa feliz: — ao cair da tarde, puz-me á espreita, aguardando a hora em que elle devia vir para o ninho; depois de muito esperar, eis que surge o maganão. Occultei-me, dando-lhe tempo para se aninhar; depois, cautelosamente, colloquei uma escada junto á arvore, subi e... de repente,... zaz! Peguei-o!

ALVARO — Nada mais tens a dizer, não? Pois bem. Ouve. O teu procedimento bastante me entristece, Egberto; todavia, conhecendo o teu coração, attenuada fica a tua falta. Deixemos de parte o teu acto e analysemos as suas consequencias.

Naturalmente não desconheces aquelles bellissimos versos do principe dos nossos poetas: “Armas num galho um...”

EGBERTO — (*Interrompendo-o.*) Sim, sim! “E, em breve uma avezita...”

ALVARO — (*Interrompe.*) Isso mesmo, porém, não vamos agora recitar; continuemos a nossa analyse. Imaginemos que essa avezita é mãe. Que horror, privar os innocentes filhotinhos

do conforto materno! Quem lhes levará, agora, o alimento de que elles necessitam e que, por serem ainda debeis, não podem ir procurar?

Oh! que immensa dôr não estará soffrendo esse pobre passaro ao pensar que nunca mais verá seu adorado ninho; nunca mais voará, livre, pelos campos tão seus conhecidos; nunca mais poderá beber a agua crystallina do regato; nunca mais se abrigará, nas horas de calor, á sombra amiga das arvores favoritas; nunca mais poderá misturar seu canto ao das outras aves, que, em liberdade, voam felizes pelo espaço!

EGBERTO — Oh! Alvaro, não me fales assim! Antes, vem em meu soccorro nesta afflictiva situação! Estou sinceramente arrependido do que fiz e, só agora, considero a extensão do meu acto.

ALVARO — Folgo em assim te ouvir falar, meu bom irmão; outra coisa não esperava do teu coraçãozinho de ouro. Propositalmente, esperei pelo teu arrependimento e, agora, vou dar-te um conselho e... por musica, para que melhor se grave na tua lembrança este dia. Antes que me ouças, repara a tua falta: solta essa avezinha para que ella volte a gozar da sua liberdade interrompida pela tua irreflexão.

EGBERTO — (*Soltando o passaro.*) Sim, vae-te e sê feliz!

ALVARO — Bravo! Parece-me que a minha amizade por ti se tornou ainda maior. Ouve-me. (*Canta.*)

Maltratar as avezinhas
Não se deve, meu irmão;
E, prendel-as, coitadinhas,
Denota máo coração.

ESTRIBILHO:

Vamos soltar
O passarinho,
Vê-lo voar
Para seu ninho.

Prival-o, creia,
Da liberdade,
É acção feia,
É crueldade.

EGBERTO — (*Canta.*)

Eu estou arrependido
Da acção que pratiquei.
Foi um facto irreflectido,
Que jámais esquecerei.

ESTRIBILHO:

Esta lição
Guardarei bem...
Oh! meu irmão,
Jamais ninguém

Verá a mim
Tirar um ninho;
Serei, assim,
Muito bomzinho.



A CHUVA E AS PLANTAS

Escureceu hoje cedo
A ponto de metter medo!
E o vento soprava tanto,
Que as pobres das folhas seccas
Jogadas como petecas,
Corriam todas p'ra um canto!

Veiu a chuva finalmente,
E após, immediatamente,
Começou a clarear.
O vento foi moderando
E as florinhas se aprumando
Começaram a dansar!...

E essa dansa moderada,
Foi até... de madrugada,
Terminando finalmente,
Quando, já ao alvorecer,
No horizonte veio ter,
Do sol, um raio esplendente!

Mil flôres amarrotadas,
Das sepalas apartadas
Foram saindo cheirosas:
Aqui, cravinas rajadas,
Ali, dahlias encarnadas,
Além, latadas de rosas!

E quem apreciar não ha de,
Depois de uma tempestade,
Esse espectáculo que encanta?!
Podemos assegurar,
Sem medo nenhum de errar:
Chuva e sol dão vida á planta.

DULCE CARNEIRO.

“FAZE O BEM, MAS SEM OSTENTAÇÃO”

Apenas acabada a leitura do titulo da sua nova historia, a Juracy pousa sobre a mesa o livro que ganhára no dia de seus annos, leva o indicador á fronte orlada de cabellos louros e encaracolados, e começa a scismar.

Vendo-a assim, tão pensativa, o pae interroga-a com desvelo:

— Que tens, filhinha? Estás doente?

Como que despertando dum profundo somno, a galante menina volve ao pae seus lindos olhos dum castanho quasi negro, e sorrindo exclama:

— Não, papae; não estou doente. Eu ia começar a leitura duma nova historia, mas não o fiz, porque, lendo o seu titulo, não o compreendi e puz-me a meditar.

— Queres lê-lo outra vez, para teu papae ouvir e explicar-t'o?

— Como o papae é bomzinho!... Eil-o: “Faze o bem, mas sem ostentação.”

— Não o comprehendes? Ouve, então:

Uma avezita, mui pequenina, enchia o espaço de sons maviosos, que se desprendiam de sua minúscula garganta. Oculta na fronde espessa duma velha arvore entrelaçada de plantas parasitas, ninguem a podia vêr. Assim, ella ia alegrando os ares e agradando o ouvido de todos que passavam, fazendo-lhes um bem immenso e tudo sem ostentação, sem sêr vista. Um menino louro e esperto, como tu, minha filha, o travesso Juran-dyr, ouvindo tão suave gorgeio e não conseguindo descobrir o passarinho cantor, diz ao pae: — Que lindo trinar! Soubesse eu assim cantar, e havia de me collocar num ponto bem saliente, onde todos me pudessem vêr.

— Farias mal, filho, muito mal, si assim procedesses. Imita esse passarinho. “Faze o bem, mas sem ostentação.” “Que a mão esquerda não saiba nunca o que a direita faz.” Procura praticar boas acções, mas não é necessario que o mundo as conheça. Basta que Deus o saiba. Elle guardará para ti, lá no céo, o premio merecido.

— Agora compreendi o titulo desta historia!... Ha muita gente que não procede como o passarinho, não é, papae?

— Oh!... muita, filhinha! Gente assim só faz o bem para o mundo todo saber e proclamar a caridosa. Deus, porém, que conhece a sua intenção, não a recompensa por isso. Imita o passarinho, Juracy, que serás feliz.



ALGUMAS FABULAS

O PAPAGAIO E O CORVO

Feçaram numa gaiola as tristezas dum corvo e as alegrias dum papagaio. O papagaio, medindo o companheiro de prisão de cima a baixo, gritou:

— Feio bicho! Que modos brutaes! E a voz? Voz insupportavel! Quem me dera vê-lo de mim distante, como está distante o sol das trevas da noite!

Sem perceber a linguagem ridicula do papagaio, o corvo murmurava cheio de indignação:

— Vida do passado e vida do presente!... Hontem, junto aos corvos da minha especie e hoje, a partilhar as magoas da existenciã dum individuo estúpido, tagarela e pretencioso! Eu não mereço o cruel infortunio de minha sorte.

AS CASCAS DOS MELÕES

Ardega mula pastava livremente em campo extenso e viçoso, quando o lavrador lhe disse:

— Vou arrear-te para que revolvias a terra. Semearás me-

lões e eu te darei a guloseima das cascas. A casca dos melões está muito longe da grama no paladar de tua família.

— Arreios emcima de mim? Nas minhas costas? Não os supportarei em condição alguma. Fica-te com os teus melões e as tuas cascas: dou-me bem, muito bem mesmo, a roer a grama verde.

— Tu não és razoavel... Teu pae comeu, a existencia inteira, cascas de melão, trabalhando quatorze, quinze, dezeseis horas por dia, modesto, feliz e satisfeito.

— Estás, sem duvida, a garantir a verdade, mas não te lembras duma coisa: meu pae era burro.

O LEÃO E OS BOIS

Um leão atacou, atrevido, furioso e valente, dois bois que passavam ao alcance de sua coragem. Os bois resistiram e venceram. O leão escondeu a sua raiva e o seu despeito e disse-lhes, em tom de inspirar confiança:

— Vivam separados e não tenham de hoje em diante o menor receio de minha força.

Os bois ouviram o máo conselho do leão e ambos morreram num encontro, debaixo da vingança implacavel de suas garras.



DE VOLTA DA GUERRA

Volto da guerra magoado.

O povo diz-me: "Soldado,
és o mais bravo da terra."

Como o povo anda enganado!

Volto magoado da guerra...

“Gloria ás tuas cicatrizes!
Nos mais remotos paizes,
feliz! teu nome é acclamado.”
Ah! sou dos mais infelizes!
Volto da guerra magoado...

Venci a melhor batalha
e deram-me esta medalha
que os meus remorsos encerra.
Meu Deus, por mais que ella valha...
Volto magoado da guerra.

Foi minha sorte e castigo
vêr o reizinho inimigo
nestas mãos, ensanguentado,
morrer chorando commigo...
Volto da guerra magoado.

RIBEIRO COUTO.



O JARDIM DA VOVÓ

XII

Junto ao regato que, de manso, corre nos fundos do jardim,
parou Lulú.

Levava uma braçada de flôres, mas queria mais aquella,
só mais aquella. E tratou de colher a flôr apontada.

Ao apanhal-a, sentiu cair-lhe na mão, de leve, mui de leve,
uma gotazinha de chuva.

— Oh! exclamou Lulú, olhando a crystallina gota. Vae chover! Preciso correr ou ficarei molhado!

— Não ha perigo, não vae chover. Eu estou sózinha, respondendo-lhe uma voz.

Voltando-se, Lulú deu com a vovó.

— De certo você nunca ouviu uma gota de chuva falar?

— Não, respondeu Lulú.

— Pois, ouça agora, que ella vae falar, e você poderá conversar com ella.

— Sim, disse a gotazinha; eu vou contar a minha historia.

Eu, com outras companheiras, estavamos á beira daquella nuvem que você vê lá no alto, quando veio o vento e nos balançou. Vinhamos descendo, mas o ar aqueceu-se e só eu consegui escapar sózinha.

— Você gosta de estar só?

— Raramente me vejo só, e assim não ficarei por muito tempo. Logo que você me soltar, continuarei naquelle regato a minha viagem.

— Sua mãe deu-lhe licença para você vir?

— Eu não sou nenhuma criança para precisar pedir licença. Ja fiz numerosas viagens. Esta será identica ás muitas outras. Cairei no regato, rolarei com as gotas que o constituem, indo depressa ter ao grande rio que atravessa o valle.

— Mas, você não tem medo de ir tão longe?

— Não. O sol é o meu unico inimigo. Está sempre á minha procura, querendo impedir que eu continue a minha viagem. Assim mesmo, ás vezes, consigo chegar até ao oceano.

— Tão longe assim?!

— E como eu gosto! Mas, para isso conseguir é preciso andar sempre escondida, por baixo das aguas. O peór é que eu sou muito curiosa. Subo á superficie, para vêr tudo o que se passa e... adeus! Começo logo a sentir calor e somno — sei então que o sol me pegou e está me transformando em vapor d'agua.

— Que é isso?

— Não posso explicar-lhe muito bem. Olhe o bico duma chaleira, quando a agua estiver fervendo, e você saberá.

Às vezes, sou reduzida a partes tão pequeninas, que você nem póde me vêr.

— E não lhe dóe sêr assim tão despedaçada?

— Não. A natureza me fez assim. Sou composta de uma porção de particulas.

— E o que lhe acontece depois que recebe o sol?

— Subo alto, bem alto, onde me encontro com uma infinidade de companheiras.

Logo que o sol nos deixa, começamos a arrefecer. Às vezes, passamos dias e dias fluctuando pelo ar. Quando, á noite, o sol recolhe-se sahimos á procura das nossas particulas. Muitas vezes não nos reunimos antes que o sol se levante — e elle levanta-se cedinho — e perdemos todo o nosso trabalho.

— Porque?

— Depressa elle nos separa outra vez. Não sei o que seria de nós, si não fossem dois bons amigos que temos e que vêm em nosso auxilio.

— Quem são?

— Um delles é o *vento*, especialmente o vento frio. Logo que elle se aproxima de nós, podemos depressa reunir as nossas partes e cair em gotas de chuva.

Aqui não, mas em terras longinquas, onde o vento é intensamente frio, tranformamo-nos muitas vezes em alvos flócos de neve. Então é que somos lindas! Mas tambem logo nos derretemos, cahimos nos regatos e temos de continuar outra vez o mesmo trabalho.

— Mas, qual é o outro seu amigo?

— Tão entretida fiquei lembrando-me como sou bonita quando neve, que quasi me esqueci da minha outra grande amiga — a montanha.

— Como é que ella lhe presta auxilio?

— Muito bem. Perto das montanhas está sempre fresco. Quando eu e minhas companheiras nos chegamos a uma dellas, ella nos arrefece e podemos nos reunir...

Olhando a gota, Lulú notou que ella diminuira consideravelmente.

— Ahi vem o sol. Ponha-me depressa no regato, antes que elle me pegue.

Lulú voltou-se para obedecer, mas antes que pudesse fazel-o, brilhante, forte e poderoso o astro rei levára a gotazinha ao seio das nuvens.





VULTOS E FACTOS

GALERIA NACIONAL

LEITURA PARA AS CLASSES ADEANTADAS



ANNITA GARIBALDI

Annita Garibaldi representa, em toda a sua plenitude, o heroísmo, a coragem e a abnegação quasi religiosa da mulher patricia. Alma nobre, coração immenso, a companheira de vida, na boa como na má fortuna, do heróe da Unificação Italiana, nasceu no lugar denominado Morrinhos, antigamente pertencente á circumscripção de Laguna e hoje incluso na de Tubarão — no Estado de Santa Catharina.

Era filha do paulista Bento Ribeiro, e de Maria Bento Ribeiro Antunes, natural de Tubarão. Alta, qual *amazona*, maçãs salientes, rosto oval, olhos grandes e negros, cabellos pretos, lisos e abundantes, tinha essa Joanna d'Arc americana, de porte resoluto e de indomita coragem, cerca de vinte annos, quando se deu, pelas columnas farrapas, a Invasão da Laguna. Foi por esse tempo, 1839, que o então jovem e poderoso *capitano* Giuseppe Garibaldi, conheceu Annita. Ligada ao heróe pela aspiração fervorosa dum amor impetuoso, desde ahi Annita sagrou-se heroína, coparticipando em todas as refregas, dos combates, dos perigos e das lutas sangrentas, com uma bravura nunca desmentida e um arrojo que causava admiração aos seus proprios companheiros.

Na alma viril e nobre de Annita desabrochava e abria-se a flôr ideal do heroismo da mulher brasileira.

Quer no mar e nos rios platinos, quer ao longo das campinas catharinenses ás vastidões pampeanas do Rio Grande, em todas as pelejas, salientou-se sempre.

E quando a patria italiana reclamou o seu grande filho, que se havia lançado á aventura, em paragens mais livres, fugindo assim, como Mazzini, ao jugo estrangeiro que avasallava dominante a península mediterranea, "e o magnanimo leão Giuseppe, com uma phalange de camaradas das guerrilhas sul-americanas, atravessou pressurosamente o oceano a sublevar com a sua fascinação de heróe irresistivel as invenciveis hostes patrioticas que deviam libertar a Italia do captivo tudesco," Annita, a heroína do sul, a guerreira dos pampas, não se manteve indecisa, acompanhou-o, resoluta.

Ouçamos agora um dos seus mais illustres biographos, o escritor catharinense Virgilio Varzea, no relato que faz dos ultimos momentos de vida da heroína.

"Do Piemonte á Sicilia, de Roma ás lagunas da Veneza, através dos mais contrastantes successos, numa luta sem treguas e infindavel, de tudo compartilhou a gloriosa e preclara brasileira.

Mas, quasi ao desabrochar os primeiros clarões do sol da liberdade na sagrada terra italiana, numa dessas marchas extraordinarias que os garibaldinos empreendiam formidavelmente, seguindo o genial guerrilheiro nos seus vôos colossaes por toda a penisula, aos ares venenosos das marenas, nas cercanias de Ravenna, foi alfim tocada pela morte a immortal heroína, já abalada por provações tão longas.

Era a 3 de agosto de 1849.

Garibaldi, vendo derrubada uma parte do seu sêr, soffreu pela primeira vez a inusitada turbação do infortunio.

E, apesar das tenazes e terriveis perseguições do inimigo, que picava constantemente, pelas planices e montes, a columna garibaldina, já muito reduzida e quasi esfacelada, o grande general, com o espirito despedaçado, carregando carinhosamente nos braços o corpo desfallecido de Annita, logrou alcançar no outro dia as terras dos principes de Guiccioli, onde ella foi recolhida já moribunda a uma pequena choça.

Durante a noite anterior, nas florestas, em torno, os austriacos, presentindo o desastre, acirravam a fuzilaria. Pela manhã, uma manhã angustiosa de tiroteios e magoas, a heroína expirava.

Junto ao leito da mansarda, o heróe, as faces inundadas de pranto, o coração esmagado, soluçava, hesitando em partir, abandonar o cadaver.

De repente, porém, um grande alarma atroou na columna garibaldina. Eram os austriacos que se aproximavam acceleradamente. Não havia tempo a perder.

Então uma fossa foi aberta subitamente, entre arvores. Sem delonga, Garibaldi lançou, nella o cadaver. E desesperado, murmurando palavras de angustia, atirou-se para a frente da columna, que perseguida agora corpo a corpo, se jogou a caminho, numa marcha batida, asylando-se na sombria espessura dos bosques. . . .”

Eis a synthese da vida de Annita Garibaldi — exemplo de heroismo e grandeza de alma da mulher brasileira.



O ENSINO EM S. PAULO

(Transcrito do jornal *Estado de Amazonas*.)

*Uma importante entrevista concedida ao
"Estado," pelo sr. professor Agnello Bittencourt,
Director da Instrucção Publica.*

OS MAGNIFICOS PROGRESSOS DO ENSINO NO GRANDE ESTADO

Da sua viagem ao sul do paiz, onde fôra, em commissão do governo amazonense, representar nosso Estado no VIII Congresso Brasileiro da Geographia, que deveria reunir-se em Victoria, em maio ultimo, mas imprevistamente adiado para novembro do corrente anno, acaba de regressar o professor Agnello Bittencourt, que tambem desempenhou a elevada incumbencia de observar, em S. Paulo, a applicação dos mais adeantados methodos de ensino usados nas escolas primarias e profissionaes daquella grande e progressista metropole.

Tratando-se dum assumpto interessante e sempre de oppor-tunidade, qual seja o desenvolvimento da cultura popular, nesta época em que tanto se procura dar combate ao analphabetismo, desejamos ouvir ao professor Agnello e saber da sua impressão sobre as visitas que fez ás escolas paulistas. Promptamente attendeu ao nosso appello, solicitando que formulassemos o inquerito em que patenteassemos nosso ponto de vista, pois, era necessario considerar a restricção de espaço em palestra de tanta amplitude.

— Antes do mais, diga-nos, professor, como foi recebido pelas autoridades do ensino paulista?

— Magnificamente. Tendo apresentado minhas credenciaes ao Sr. Prof. Pedro Voss, director geral da instrucção publica do grande Estado, fui bastante obsequiado, dignando-se o illustre chefe designar um dos mais reputados membros do magisterio — o Prof. Cezar Martinez, que, durante cinco annos, havia dirigido o ensino publico em o Estado do Paraná — para acompanhar-me e auxiliar-me nas visitas que me propuz realizar, tambem acompanhado da professora Graziella Machado, que accedeu a um convite meu, para o mesmo fim. Em carro do governo e durante dez dias, comparecemos a varios estabelecimentos de ensino primario e profissional, encontrando em todos a maxima gentileza em prestar-nos informações minuciosas de tudo que nos parecia interessante. Assistimos a varias aulas, com o intuito de vêr *como se ensina*, assegurando-nos da efficiencia dos methodos empregados principalmente na alphabetização dos principiantes.

— Estamos a perceber que a sua impressão, professor, foi a melhor possivel.

— Sim, meu caro. Não podia ser outra, numa terra em que os governos e particulares fazem do ensino uma questão sagrada, tornando a escola o redil da felicidade do povo e a origem da riqueza do Estado.

Basta affirmar-lhe que, ali, não se regateiam despesas, sempre que ha necessidade de novos impulsos aos serviços escolares.

A verba destinada á instrucção publica é, presentemente, de 52.000 contos de réis. Sómente a Escola Normal da Praça da Republica (pois ha outra no bairro do Braz) compreendidos os cursos que nella funcionam, com cerca de 2.600 alumnos, despende 1.200 contos, tanto como o conjunto dos gastos geraes, que o Amazonas faz com o seu ensino!

Convém lembrar que S. Paulo tem recursos para realizar esse dispendio. Seu orçamento do corrente anno, promette uma arrecadação de 340.000 contos, dos quaes cerca de 14% são destinados á obra considerada mais ingente e urgente do Estado: guerra de morte á ignorancia.

Devo dizer-lhe, meu nobre amigo, que os cofres publicos mantêm, naquelle pedaço mais progressista do Brasil, approximadamente, 6.000 escolas primarias frequentadas por 269.730 crianças. Contando com as matriculas nos gymnasios e escolas profissionaes (inclusivé 10 escolas normaes) esse numero eleva-se a 275.026.

Veja bem que não falo das escolas particulares, cujas matriculas se elevaram, em 1925, a 90.720 em todo o Estado, de onde resulta um total de 365.747 estudantes paulistas ou mais do que o censo de 1920 achou para a população geral do Amazonas!...

Funcionam ao todo 272 grupos escolares, sendo 47 na capital. Quasi todos possúem prédios proprios, verdadeiros palacetes, abundantemente mobiliados e contendo gabinetes, bibliothecas, tudo emfim que facilite e desenvolva o esforço do professorado.

As 10 escolas normaes, de que acima falei, têm egualmente edificios proprios e dotações condignas.

— Diga-nos alguma coisa da Escola Normal da Praça da Republica, que passa como a primeira do Brasil.

— Ella justifica pela sua grandeza de installação, a fama de que goza. Ali nada falta para que as normalistas realmente *aprendam a ensinar*. Nos dois turnos diarios em que esse estabelecimento funciona, ha, para a pratica do ensino, todas as gradações do curso primario, a partir do Jardim da Infancia até á transposição para o curso normal, que é de cinco annos.

Tanto empenho se tem pela arte de ensinar, que existem duas cadeiras sobre motivos pedagogicos: uma de *Didactica* para estudo e discussão dos varios methodos do ensino, applicados a cada materia do curso primario; outra, de *Psychologia experimental*, dispondo dum gabinete contendo appparelhos interessantes e modernos, para investigação das tendencias, pendores e gráo de acuidade da intelligencia e da alma infantil.

Como, ali, se póde pesquisar a capacidade creadora da imaginação duma criança! Como se póde medir a rapidez da percepção dos outros phenomenos de ordem mental!...

Nas aulas de Physica e Chimica as lições têm um cunho pratico, dentro dos gabinetes respectivos, fazendo uso de apparelhos e reactivos. Para isso, não faltam materiaes.

Os exercicios de gymnastica sueca são dirigidos por um profissional contractado na Suecia. O uso dos "tests" escolares é constante em todas as aulas, para assignalar o aproveitamento e a capacidade dos estudantes. Em todas as provas escritas, de qualquer materia, ha vinhetas illustrativas que revelam o gosto artistico dos seus autores e a demonstração de que sabem desenhar. Tive a certeza do que o curso normal é ali excellentemente feito, assistindo a aulas no Jardim da Infancia e em diversos grupos-escolares, aulas dadas por professores ha pouco diplomados por essa Escola, cujo corpo docente é generosamente pago. O director do estabelecimento percebe 21:600\$000; o vice director, 14:400\$000; cada professor, 14:400\$000, além da gratificação "pro-labore" por aula extraordinaria.

Cada professora primaria tem 550\$000 mensaes, pagos em dia. Não ha noticias de atrasos. Vale a pena sêr professor em S. Paulo, meu caro amigo!

Ao deixar a Escola Normal, não esquecerei a ordem que reina ali, naquella colmeia em que todos trabalham e brincam, sem as algazarras, as correrias, as attitudes demoniacas que são communs nos estudantes do norte do paiz. Parece que as crianças já trazem de suas casas o espirito da disciplina, a delicadeza no trato, algo de cavalheiresco em sua alma em flôr.

— Diga-nos, professor, que conceito faz do methodo analytic applicado ao ensino da leitura, nas escolas paulistas.

— Desde muito se reconheceu, ali, que é o mais vantajoso de todos, pois o velho systema da soletração e da syllabação já baqueou completamente. Banido das escolas, uma professora sentir-se-ia envergonhada de ter sua revivescencia.

A rotina foi esmagada pela Psychologia experimental, nesse assumpto delicado de ensaiar os primeiros movimentos aos surtos intellectuaes duma criança.

S. Paulo viu que, nas escolas elementares dos Estados Unidos do Norte, desde 1872, conforme nos diz Hippau, esse methodo era o mais racional de quantos a Pedagogia do seculo passado engendrara. Adoptando-o modernamente, tem tirado sua applicação os mais surprehendentes resultados, na presteza e na concisão da leitura, sem levar em conta os demais fins pedagogicos, moraes e intellectuaes, de que um professor habil, d'elle sabe tirar partido.

— Em que se funda esse methodo?

— Na *fôrma* e no *sentido* de cada palavra, mas nunca em sua estrutura literal, que fica para mais tarde. A criança vê uma pequena phrase cuja significação ella conhece ou ella propria formou; não lhe entra nos detalhes, isto é, nos elementos que a compõem, como se fizera inspeccionando, de conjunto, uma paisagem ou quadro mural.

Nos *primeiros passos* da leitura analytica, os olhos e os ouvidos entram em grande actividade despertados pela attenção curiosa dos pequeninos estudantes, facto que depende bastante da habilidade de quem ensina.

Lamento não ter espaço aqui, nesta simples palestra, para exemplificar a applicação desse methodo, pela maneira que se o faz em S. Paulo.

Deixo isto para uma conferencia que pretendo realizar perante o professorado de Manáos. Devo, antecipadamente, declarar que o methodo analytico a que me venho referindo não é uma novidade em nossa terra, em nossas escolas. Elle está recomendado pelo actual Reg. da Instrucção Publica, que, a meu vêr, continúa a sêr modelar, embora os recursos economicos do Estado ainda não permitissem sua execução completa.

O que precisamos, nalgumas das nossas escolas, é banir a rotina da soletração oral, cujo vicio, na maior parte dos casos, as crianças trazem de suas casas. Muitos paes não podem admittir que seus filhos aprendam a lêr *sem livros*.

Tambem carecemos de certos materiaes escolares e dum pouco mais de diligencia (não de preparo) da parte do nosso

professorado, afim de que esse methodo surta seus effeitos rapidos e louvaveis.

Tudo, porém, virá a seu tempo. S. Paulo tem andado acceleradamente, mas não dá saltos. O Amazonas não será uma excepção...

— Justo o que o professor pondera. Queremos ouvil-o sobre o ensino profissional, na Paulicéa.

Visitou alguns estabelecimentos dessa natureza?

— Sim. As escolas profissionaes, masculina e feminina, bem assim o Lyceu de Artes e Officios.

As duas primeiras possuem organização pedagogica e cujo apprendizado se faz em tres annos; o ultimo é, antes, um grande estabelecimento industrial, que admite aprendizes em suas officinas de marcenaria e de mecanica. As mais delicadas obras de arte, em madeira e em bronze, ahi são confeccionadas. S. Paulo, nesse particular, como em tantos outros, não carece recorrer ás fabricas estrangeiras. Serve-se, vantajosamente, da prata de casa...

Quanto ás outras escolas, cada qual frequentada por mais de 300 estudantes, a minha admiração cresceu ainda. A do sexo masculino só recebe rapazes que tenham concluido o curso primario. Estudam-se ali, em amplo edificio proprio, com aparelhamentos abundantes, a marcenaria, a mecanica e pintura. Os alumnos assistem, fóra dos trabalhos de suas officinas, a aulas de portuguez, arithmetica, desenho, physica e chimica e modelagem, applicados á finalidade de cada curso. Executam com perfeição uma série de obras constantes de cada programma, sem o que não são diplomados. Dali saem verdadeiros operarios, que têm a sua substencia garantida pelo constante desenvolvimento das industrias do Estado, num trabalho honesto e produtivo, que compensa largamente os sacrificios do governo, pela manutenção dessa casa de ensino profissional.

Tive a impressão de que ali se está plasmando o espirito dum Brasil novo, redivivo, fóra da pasmaceira quasi enervante de uma burocracia de pelintras e ignorantes. Ali, entre aquellas

forjas, sobretudo, na freima de transformar a materia prima em apparelhos com que o homem se torna mais rico e poderoso, meu enthusiasmo foi transbordante com a certeza de que S. Paulo é, realmente, a terra dos “yankees” brasileiros...

Sigamol-o no exemplo, porque só o ensino é capaz dos prodigios do progresso e da civilização.

— Com estas palavras, o professor Agnello levantou-se, estendeu-nos a mão e retirou-se, patenteando sua velha estima aos que mourejam na redacção do *Estado do Amazonas*.





O «FOLK-LORE» NA ESCOLA

O GRACHAIM E O GAMBÁ (1)

Era uma vez o compadre Grachaim (2) que andava muito esfaimado, porque a cachorrada não o deixava chegar ao rebanho, e o tempo corria tão ruim, que até as preás faziam pouco delle. Inverno bravo, de geada que branqueava. Tudo que era bicho ladrão andava com a barriga pegada no espinhaço. Até o compadre Tatú teve que mudar de tóca, por causa das chuvaradas. Cobras, então, nem nada, e os quero-queros, de frio, não davam mais signal.

Compadre Grachaim, então, foi convidar o compadre Gambá, que era muito esperto, para darem uma batida nos poleiros, ou no rebanho, a vêr si pegavam algum cordeirinho recém-nascido. Mas o Gambá disse que estava muito cansado e que assim não se metteria em enroscadas (3) porquanto o mestre Plutão, guarda da criação, era um policia muito esperto. O Grachaim *embrabeceu* e, zangado, foi-se embora dizendo que um bicho sem vergonha como o Gambá, era melhor nunca mais andar com elle, que era de respeito. E a trotezito foi direito á casa do compadre Lagarto.

(1) — A historia pitoresca do Grachaim e do Gambá é corrente na terra gaucha. Não ha, no sul, quem a não tivesse ouvido, contada de maneiras differentes, mas conservando sempre a mesma fabulação. A presente versão, reproduzimol-a, com pequenas variantes, da narrada pelo esplendido colorista regional Darcy Azambuja, no interessante volume — “No Galpão” (edição exgotada da Livraria do Globo, de Porto Alegre, 1925.)

(2) — *Grachaim*: — especie de *raposo*; pequeno quadrupede, que ataca as aves. Vive geralmente junto dos terreiros e mattagaes, á margem dos regatos.

(3) — *Enroscada*: — (ou *enrascada*) embrulho; embaraço; difficuldade.

O Lagarto, que modorrava todo enrodilhado, disse que não queria conversa com a cachorrada da estancia (4) porque não podia estragar a sua roupa de inverno; mas, como era amigo do compadre Grachaim e via que elle andava necessitado, podiam ir juntos melar (5) no outro dia. O Grachaim não gostava de mel, mas o tempo corria ruim, e disse que sim, que iria melar.

No dia seguinte foram os dois procurar mel. Trotearam, trotearam, até encontrar um camoatim (6) em cima duma pedra.

Compadre Lagarto então disse: — “Oh! Grachaim, você fica aqui, de tocaia (7) e quando chegar a hora eu dou o signal.”

E foi direito á casa dos camoatins. Quando chegou bem perto, fincou a cabeça na pedra e — lépt! — um guascaço (8) com o rabo na casa dos bichos e disparou para lambar o mel que ficara grudado no rabo. Quando os bichos acalmaram um pouco, veio de novo, devagarzito, fincou a cabeça e outra vez — lépt! — e disparou para lambar o mel. Assim fez um mundo de vezes. Os camoatins zuniam p’ra todos os lados, mas não encontravam ninguem.

Depois de muito tempo, os bichos resolveram abandonar a casa e foram embora construir outra em lugar mais seguro. Mas, quando o Lagarto disse: — “Agora, compadre Grachaim, vá buscar o mel” — viram o Gambá que se despencou duma arvore, gadunhou (9) o camoatim e se foi, veloz, campo fóra.

O Grachaim correu, mas o Gambá ia longe. Indignados com a peça que o Gambá lhes pregou, o Grachaim e o Lagarto combinaram um plano de vingança.

Na manhã seguinte foram os dois á casa do Gambá. O

(4) — *Estancia*: — fazenda para criação de gado; morada; lugar, onde se está ou se permanece. Nome das fazendas no Rio Grande do Sul.

(5) — *Melar*: — procurar o mel das abelhas do matto.

(6) — *Camoatim*: — especie de abelhas que fabricam um mel muito apreciado. Casa ou colmeia de camoatim.

(7) — *Tocaia*: — (de toca) emboscadura em que se occulta alguem que persegue outrem ou que quer caçar. No norte do Brasil, *tocaia* é poleiro de gallinhas.

(8) — *Guascaço*: — lambada ou chicotada com guasca.

(9) — *Gadunhou*: — agarrou com as unhas; segurou fortemente.

Grachaim cortou uma tala de gerivá, (10) pellou-a e disse que o compadre Lagarto ficasse escondido, esperando. Quando ia chegando a hora do Gambá vir beber agua, o Grachaim começou a arancar cipó, como si fôsse construir um grande rancho. (11) Dahi a pouco, veio o Gambá:

— “Bom dia, compadre Gambá. E seguiu arrancando cipó...”

— “P’ra que é tanto cipó, compadre Grachaim?”

— “Ueh! o compadre não sabe que vem ahi um pé de vento tão grande, que tudo que fôr bicho que não estiver atado numa arvore bem forte, o vento, levará?”

— “E o compadre vae-se amarrar?”

— “E então? O compadre corvo, que veio hontem da serra, foi que me deu a noticia e disse que por lá os bichos já se ataram todos.”

O Gambá, então assustado, pediu ao Grachaim que o atasse também, que sempre tinham sido amigos leaes. O Grachaim disse que não podia, que o vento não demorava, e elle tinha de ir em casa amarrar a mulher e os filhos.

Mas o Gambá pediu muito, ajoelhou-se, fez muita labia, e então o Grachaim disse:

— “Está bom, compadre, como fomos amigos, vou fazer a sua vontade.”

E encostou o Gambá num tronco de guajuvira e passou-lhe cipó pelo corpo até que elle não podia mais se mexer.

Ahi o Grachaim chamou o Lagarto.

— “Compadre Lagarto, está aqui o malandro que nos roubou o mel.”

E passou a mão na tala de gerivá, botou um pé adeante e outro atraz, e começou a dar uma sóva mestra no Gambá.

Um João de Barro que ia voando, vendo aquillo, lembrou-se que o Gambá lhe comera os filhotes o anno passado, e então sen-

(10) — *Tala de gerivá*: — lamina, lasca, guasca de palmeira, que serve de chicote. Póde sêr feita de bambú ou qualquer outra madeira flexivel. Os caboclos, entretanto, preferem o gerivá (palmeira.)

(11) — *Rancho*: — choça ou telheiro, á beira dos caminhos, no interior do Brasil, para abrigo dos viandantes.

tou num galho proximo, bateu as azas e deu gargalhadas. O Gra-chaim não parava de surrar o matreiro. Quando cansou, veio mestre Lagarto, fincou a cabeça no chão e — lépt! lépt! lépt — até cansar.

E deixaram o Gambá por morto, de tanto apanhar, e foram melar outra vez...



HISTORIA DE CABOCLO

Anoitecia quando caboclo Florencio bateu á porta de caboclo Anastacio:

— Compadre, cá estou eu por via do *negocio*. Trago o papagaio. *Vancê* vae *cahi* p'ra trás.

Numa gaiola de vime, com effeito, via-se a fôrma vaga de um passaro verde-amarello, no seu poleiro, tranquillo.

E accescentou:

— Não sei de bicho de *melhó* peito, nem mais *faladô* e *cantadô*. *Vancê* pediu *lyrco* e compra um *tenô* de garganta como não existe na matta de todo este *arredô* e, além do mais, é um Ruy Barbosa. Nem é *passo*, é voz humana. Quando elle abrir o bico, *vancê* vae *tê* surpresa grossa!

E foi, elle mesmo, collocar a gaiola num prego á feição, ao lado da varanda, perto da sala de jantar.

Recebeu vinte mil réis, e, depois do café obrigado a bolo de milho, deu boas noites ao compadre e foi com Deus.

Ora, no dia seguinte, a casa acordou vibrada pelas melodias e arengas do papagaio. E o bicho cantou tanto e tão bem, que a Chica, a caseira de Anastacio, affirmou que por aves de tal ordem, um entendido seria capaz de dar até cincoenta ou cem mil réis!

Trepa ella e o marido sobre cadeiras, afim de examinal-o de perto, quando descobrem que a ave, em vez de duas patas, tem uma só, embora indicando o vestigio da outra, recentemente dilacerada.

Furioso, parte Anastacio, que enfia como um louco pelo casebre de Florencio a dentro:

— *Vancê* me enganou, compadre, Florencio, diz elle, a gaiola do papagaio na mão, os olhos congestos de furor; — o *passo* só tem uma perna. No entanto, *vancê* cobrou preço de bicho inteiro. Desfaço o *negocio*. Fique *vancê* com o seu *estrepo*! (12) Um *passo* que até parece o *sacy-pererê*!...

Caboclo Florencio, que estava dando a sua pitada, tirou da boca o cachimbo de barro, soltou uma vasta cusparada e disse:

— *Se acarme*, compadre *Nastaço*, *menas* força; *vancê* não pediu bicho cantadô e faladô? *Antão?* Vendo-lhe um bicho de peito. *Milhó* que elle *num* ha. *Mas pôrém* me *arresponda vancê* com *atenção*, antes de tudo: quer *vancê* o *passo* p'ra *falá* e *cantá* ou quer p'ra *danzá*? O papagaio não é bailarino!...

Caboclo Anastacio, indeciso, acabou levando o papagaio para casa.

(12) — *Estrepo*: — coisa ruim; trambolho; objecto sem valia, por imprestavel.



LIVROS, REVISTAS ETC.

“A CHAVE DA ANALYSE LOGICA.” —

Zoraide Rocha de Freitas. — Edição de 1925.

Fugindo ao theorismo complicado dos compendios, em que os factos da linguagem se perdem na trama confusa de opiniões controversas, abandonando os processos usuaes; quasi sempre de effeitos praticos negativos, e pondo de parte a vaidade erudita dos que por méra pose fazem questão de exhibir sabença linguistica, a A. desenvolve neste livro — verdadeira *chave da analyse logica* — um curso de resultados efficacissimos para os alumnos de Portuguez.

Pela simplicidade e clareza das exposições, desenvolvidas de maneira a que os alumnos acompanhem com interesse, gradativamente, o pensamento — em sua estrutura e em relação aos elementos *grammaticaes e logicos* — que o formam, o livro da A. merece sêr divulgado como excellente guia que é. Serviço inestimavel vem elle prestar, não só aos estudantes, mas tambem aos professores, facilitando a estes os meios de ensino da materia, pela transmissão mais adequada e mais assimilavel dos conhecimentos que têm de dar.

Sobre as vantagens do ensino da *analyse logica* pelo emprego do *diagramma*, nada mais se tem a dizer, porquanto, como affirma a A., grande parte do professorado já o conhece e admira, “como um auxiliar de provada e real efficacia.”





SECRETARIA DO INTERIOR

INSTRUÇÃO PUBLICA

Varios despachos, pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Secretario do Interior

JULHO — 1926:

MANOEL EUCLYDES DE BRITO. — De accordo com a presente informação da secção. Tendo o supplicante requerido a desistencia de 10 mezes de licença (e não 6, como-allega) foi-lhe concedida apenas a de 6 mezes, em virtude de só a tanto ter direito. A effectivação desse direito está dependendo de estudo do Governo, o que tanto o requerente como a autoridade escolar parecem desconhecer, apesar da publicação de repetidos despachos sobre o assumpto. Assim, o supplicante deve recorrer á legislação commum sobre licença para o presente caso.

D. ADELINA ALVES FERRAZ. — Volte ao director do respectivo Grupo, afim de completar a informação, declarando si a supplicante esteve ou não impossibilitada de se locomover, ou se locomovendo com difficuldade.

D. MARIA NOGUEIRA MACALHÃES. — A unica possibilidade do professor obter licença com inicio declarado é estar de cama, cuja prova deverá sêr feita com attestado medico em que aquella

circunstancia esteja expressamente referida, e declaração do director, expondo na petição, o local em que se acha, rua e numero da casa. A ausencia dessas declarações impedirá os tramites do requerimento na Secretaria do Interior. — Satisfaga, pois, essas exigencias legais.

RENATO SENECA DE SÁ FLEURY. — O supp. não tem direito á licença com inicio do pedido, á vista da informação da respectiva autoridade escolar, e para obtel-a sem tal inicio, deverá sêr submettido á inspecção, nesta Capital, dia 23 do corrente, ás 13 horas, na Inspeção Medico-Escolar.

NORBERTO DE TOLEDO. — De accordo com o parecer da Directoria da Instrucção. Embora não tivesse sido regular o acto do Sr. director do grupo-escolar de Itatinga concedendo afastamento a um dos serventes, é attendivel o presente pedido de pagamento de vencimentos, pelos serviços prestados pelo requerente, no periodo de 23 de março a 30 de abril p. passado. (Prov.)

MARINO PINTO BARROS CESAR. — Para a nomeação de directores de grupos-escolares ha uma relação organizada na Directoria Geral da Instrucção Publica, de accordo com as informações prestadas pelas autoridades escolares.

D. ANTONIA GUILHERMINA DE CAMPOS. — Não tem logar o que requer, porque o attestado e informação da autoridade escolar, que acompanham o pedido, nada continham sobre o inicio declarado. A esse tempo é que deviam sêr satisfeitos os requisitos do inicio declarado e dada a prova legal. A suppli-

cante e a autoridade escolar não observaram os artigos 16 e 17 e seus §§, do decreto n.º 3025, de 1916, nesse particular.

D. DOMICILIA MINHOTO. — A supplicante só poderá sêr posta em disponibilidade nos termos do artigo 22, do decreto n.º 3205, de 1920, pelo que o presente processo deverá voltar á Directoria Geral da Instrucção, afim de providenciar de accordo com o § 2.º, do citado artigo, e uma vez que a supplicante satisfaça a exigencia do § 1.º do mesmo, juntando o seu titulo de liquidação de tempo de serviço publico.

D. ILLYRIA ROSA ALVES. — A requerente é professora leiga de escola do ex-Patronato que, pelo § unico do artigo 23 da lei n.º 1750, de 8 de dezembro de 1920, foi mantida na regencia da escola, sem direito, portanto, á remoção solicitada a apenas no interesse do ensino.

D. LUIZA MENDONÇA. — A' vista da informação do Sr. Inspector districtal, e não tendo a requerente justificado o motivo allegado, não é attendivel o pedido de licença.



INDICE

A "REVISTA ESCOLAR"	1
QUESTÕES GERAES:	
Palestras sobre ensino	4
A educação	8
Ambiente e disciplina escolar	9
O ensino da geometria	11
LIÇÕES PRATICAS:	
Geographia	13
Língua	16
Geometria	20
Zoologia	23
Arithmetica	26
Physica	30
EDUCAÇÃO PHYSICA:	
Jogos escolares	33
PEDOLOGIA:	
A imaginação e suas variedades na criança	38
A evolução psychica da criança	40
LIÇÕES DE COISAS:	
A colla	43
As escovas	44
O chifre	47
A voz	48
O escaphandro	50
Os submarinos	52
INSTRUÇÃO PUBLICA	56
LITERATURA INFANTIL:	
A madrugada no campo	65
O cantaro encantado	66
Palavras de minha mãe	37

REVISTA ESCOLAR

PUBLICAÇÃO MENSAL

Direcção e Redacção: LARGO DO AROUCHE, 62

S. PAULO

ASSIGNATURAS:

Anno 20\$000

Semestre 10\$000

Numero avulso 2\$000

Os pagamentos são feitos adeantadamente.

Toda e qualquer correspondencia, inclusive a que se referir a assignaturas, deve sêr endereçada, directamente, á Redacção.

TYPOGRAPHIA SIQUEIRA
Rua Libero Badaró, 48
S. PAULO